

**FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA**

RAIMUNDO DA SILVA

ÉTICA E ETIQUETA NAS RELAÇÕES HUMANAS: UMA INTERAÇÃO  
SOCIOCULTURAL E COMPORTAMENTAL ENTRE OS AGENTES DA EDUCAÇÃO  
(ESCOLA E TRABALHO)

São Leopoldo–RS

2017



RAIMUNDO DA SILVA

ÉTICA E ETIQUETA NAS RELAÇÕES HUMANAS: UMA INTERAÇÃO  
SOCIOCULTURAL E COMPORTAMENTAL ENTRE OS AGENTES DA EDUCAÇÃO  
(ESCOLA E TRABALHO)

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia.  
Faculdades EST.  
Programa de Pós-graduação Mestrado  
Profissional em Teologia.  
Linha de pesquisa: Ética e Gestão.

Orientador: Dusan Schreiber

São Leopoldo–RS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586e Silva, Raimundo da  
Ética e etiqueta nas relações humanas: uma interação sociocultural e comportamental entre os agentes da educação (escola e trabalho) / Raimundo da Silva; orientador Dusan Schreiber. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.  
90 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017.

1. Ética. 2. Conduta. 3. Educação. 4. Ambiente escolar – Brasil. 5. Educação pré-escolar. 6. Comportamento humano – Aspectos morais e éticos. I. Schreiber, Dusan. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RAIMUNDO DA SILVA

**ÉTICA E ETIQUETA NAS RELAÇÕES HUMANAS: UMA INTERAÇÃO  
SOCIOCULTURAL E COMPORTAMENTAL ENTRE OS AGENTES DA  
EDUCAÇÃO (ESCOLA E TRABALHO)**

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia.  
Faculdades EST.  
Programa de Pós-graduação Mestrado  
Profissional em Teologia.  
Linha de pesquisa: Ética e Gestão.

Data de aprovação: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

Dusan Schreiber – Doutor em Administração – EST (Presidente)

---

Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia – EST

---



*Dedico o presente estudo*

*A Deus;*

*Aos meus pais: João da Silva e Teodolinada Silva;*

*Aos meus irmãos: João Rodrigues da Silva, Carmem Rodrigues da Silva e  
Pedrina da Silva;*

*Aos meus filhos de coração: Henrique Silva da Silva e Rayane da Silva Martins;*

*Aos meus sobrinhos: Kiury Nascimento da Silva e Maria Silva da Silva.*





A Deus, por sempre estar presente em todos os momentos da minha vida;

Aos professores do curso de mestrado profissional em Teologia: Gisela Streck e Rudolf von Sinner pela atenção, disponibilidade e ensinamentos repassados;

Ao meu orientador Dusan Schreiber pelos ensinamentos, amizade, ajuda, orientação, paciência, palavras de apoio e compreensão;

A Faculdades EST pelo grande apoio institucional que foi fundamental para o meu crescimento tanto profissional quanto pessoal;

Aos meus colegas discentes do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Teologia: Carla dos Santos, Fabiano Oliveira, Lívia Sales, Lucas Monteiro, Mário Lúcio Ramos, Ronaldo de Freitas, Sílvia Rodrigues e Vera Diniz, pela amizade e companheirismo ao longo da nossa jornada de estudo;

À minha amiga Anaide Maia pelos vários momentos prazerosos compartilhados durante o curso e também pelos estímulos trocados nos momentos mais delicados da construção desse trabalho;

À minha cunhada Regina Rodrigues que sempre me apoiou nos momentos de desânimos;

Aos funcionários(as) (gestores(as), professores(as), técnicos(as) e pessoal de apoio) da Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” pela contribuição na minha pesquisa e pela paciência que tiveram durante a minha ausência;

Aos meus amigos, colegas e conterrâneos dos municípios paraenses: Primavera e São João de Pirabas;

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a efetivação desse trabalho acadêmico.



## BIOGRAFIA

Raimundo da Silva, oitavo filho de João Pereira da Silva e Teodolina Maria da Silva, nasceu em 11 de março de 1980, na Cidade de Primavera, Pará, Brasil.

Em 02 de janeiro de 2003, ingressou na Universidade Estadual Vale do Acaraú (Polo São João de Pirabas–PA) e, em 23 de setembro de 2005, obteve o título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

No ano de 2007, ingressou e defendeu monografia no Curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática na Educação Infantil do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação Matemática e Científica (NPADC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), *campus* de Bragança–PA.

Entre os anos de 2012 e 2013, foi discente do Curso de Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar pela Faculdade Ipiranga (Belém–PA), defendendo monografia com o título “Recursos Interdisciplinares na Sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado)”.

No período de 2014 a 2015, estudou e defendeu monografia no Curso de Pós-graduação *lato sensu* em Pedagogia Gestora na Área de Conhecimento em Educação, pela Faculdade Panamericana de Ji-Paraná (Unijipa), *campus* de Capanema–PA.

Em 04 de julho de 2015, iniciou os estudos acadêmicos no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Teologia, linha de pesquisa: Ética e Gestão, sob a orientação do Professor Dr. Dusan Schreiber, na Faculdades EST, na cidade de São Leopoldo–RS.

Silva atua como professor de Ensino Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal de Primavera e de São João de Pirabas, ambos os municípios localizados no Estado do Pará. Também exerce o cargo de técnico pedagógico na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Maria de Jesus Silva Porto” (São João de Pirabas). É professor de ensino superior do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Facesp (Faculdade de Educação Superior de Paragominas), no Município de Paragominas–PA.



“É que ninguém caminha  
sem aprender a caminhar,  
sem aprender a fazer  
o caminho caminhando,  
sem aprender a refazer,  
a retocar o sonho  
por causa do qual  
a gente se pôs a caminhar.”.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:**  
um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 7. ed.  
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.



## SUMÁRIO

RESUMO .....	17
ABSTRACT .....	19
1. INTRODUÇÃO.....	21
2 A ÉTICA NA VISÃO VOLTADA PARA O TRABALHO EM EDUCAÇÃO .....	25
2.1 O que é ética? .....	25
2.2 A ética na formação pessoal e profissional dos agentes em educação.....	37
3 RELAÇÕES HUMANAS INTERPESSOAIS: VISANDO O COMPROMISSO COM O OUTRO.....	49
3.1 Relações humanas: um processo de comunicação social na escola entre os agentes da educação.....	53
4 ETIQUETA DO COMPORTAMENTO: AS ATITUDES TRANSPARECEM A IMAGEM DO INDIVÍDUO .....	61
4.1 O conceito de etiqueta e a influência dela no exercício da prática dos agentes em educação.....	63
4.2 Atitudes e qualidades que farão a diferença.....	65
5 ANÁLISE DOS DADOS DE PESQUISA DE CAMPO COM OS AGENTES DE EDUCAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL “PROFESSORA ANA PINHEIRO DE OLIVEIRA” .....	67
5.1 Contextualizando o <i>locus</i> da pesquisa.....	67
5.2 Procedimentos metodológicos.....	70
5.3 Tabulando e analisando os dados .....	71
5.3.1 Percebendo a visão dos agentes de educação sobre ética na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”.....	72
5.3.2 Percebendo a visão dos agentes de educação sobre a moral na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”.....	73
5.3.3 Percebendo a visão dos agentes de educação sobre as relações humanas <i>interpessoais</i> na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”.....	75
5.3.4 A <i>visão</i> dos agentes de educação sobre a etiqueta comportamental na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” .....	76
6. CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS .....	81
APÊNDICE .....	89





## RESUMO

O presente trabalho abordará, em sua essência, vários aspectos da Ética, enquanto estudos que envolvem juízos de valor apreciativo da postura do homem. Valores estes que podem ser propícios a julgamentos de qualidade. O trabalho também abordará a fusionalidade entre as Relações Humanas e a Etiqueta Comportamental, uma vez que esta é vista como modelo de forma de conduta pessoal. Neste caso, o comportamento vem a ser o sinônimo de boa conduta e também de educação, pois ele é imprescindível no que se refere à competência de relacionar-se com o outro. Por sua vez, as relações humanas passam a demonstrar capacidade de interação, isto é, dar e receber, nos relacionamentos fraternos de amizades, amorosos e entre outros, visando tornar os seres humanos maduros os suficientes. Logo, o comportamento é extremamente influente nas relações entre as pessoas, podendo trazer vários benefícios aos que estão em interação, como também várias dificuldades no relacionamento entre as pessoas. Em vista disso, pode-se, então, melhorar a persuasão e as ligações nos relacionamentos interpessoais. Atitudes, posturas e maneira de lidar com situações adversas tornam o profissional em Educação, um ator social mais seguro, agradável, espontâneo e de alta aceitabilidade pelo público (outros colegas de trabalho e profissional, pais de alunos e educandos). Conseqüentemente, esse profissional, em sua maioria, pode até produzir com muito mais disposição, seja nas horas difíceis ou prazerosas do vínculo do ambiente escolar. Foi utilizado, para este trabalho, pesquisas bibliográficas e aplicação de questionários (atividade de campo), devidamente autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades EST na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”, localizada na Cidade de Primavera, no bairro Leitelândia, com os agentes que fazem a educação nesse referido estabelecimento de ensino. As respostas foram bastante diversificadas no que diz respeito às percepções desses agentes quanto à ética, a moral, as relações humanas interpessoais e etiqueta comportamental, mostrando, dessa forma, o caráter amplo desses temas. Os agentes em educação, principalmente, os professores e as professoras constituem importantes modelos e também funcionam como ambiente social relevante para a emissão de comportamentos de seus alunos e suas alunas e dos seus próximos.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Ambiente Escolar. Etiqueta Profissional. Moral. Eticidade.



## ABSTRACT

The present work will address, in essence, several aspects of Ethics, while studies that involve judgments of appreciative value of man's posture. These values can be conducive to quality judgments. The paper will also address the fusional relationship between Human Relations and Behavioral Etiquette, since it is seen as a model of personal conduct. In this case, behavior comes to be synonymous with good conduct as well as education, since it is indispensable as regards the competence to relate to the other. In turn, human relationships begin to demonstrate the capacity for interaction, that is, giving and receiving, in fraternal relationships of friendships, love and among others, in order to make human beings mature enough. Therefore, behavior is extremely influential in relationships between people, which can bring various benefits to those in interaction, as well as various difficulties in the relationship between people. In view of this, one can then improve persuasion and connections in interpersonal relationships. Attitudes, postures and way of dealing with adverse situations make the professional in education a safer, pleasant, spontaneous social actor with a high acceptability by the public (other work colleagues and professionals, parents of students and students). Consequently, this professional, in the majority, can even produce with much more disposition, be it during the difficult or pleasant hours of the bond of the school environment. For this study, we used bibliographic research and questionnaires (field activity), duly authorized by the Research Ethics Committee of Faculdades EST at the Municipal School of Early Childhood "Professora Ana Pinheiro de Oliveira", located in the City of Primavera, in the neighborhood of Leitelândia, with the agents that make the education in this referred establishment of education. The responses were quite diverse regarding the perceptions of these agents regarding ethics, morals, interpersonal relations and behavioral etiquette, thus showing the broad character of these themes. Education agents, especially teachers, are important models and also function as a social environment relevant to the behavioral behavior of their students and their neighbors.

**Keywords:** Child Education. School Environment. Professional Etiquette. Moral. Elicity.



## 1. INTRODUÇÃO

Em toda uma sociedade humana, os sujeitos envolvidos têm a necessidade de conviver, de preferência, pacificamente: partilhar a vida, os conhecimentos adquiridos na vivência individual e, buscar objetivos que atendam às aspirações comuns a todos. E, partindo desse princípio, o ser humano tende a estar à mercê de várias avaliações, além do mesmo estar em estágio intermitente de fazer a ter moral diante das atitudes de cada um, principalmente, no que se refere ao trabalho.

O trabalho, em suma, é um lugar onde se incidem várias “escolhas”. E dentre os vários lugares de trabalho, em que encontramos as escolhas, pode-se citar as instituições de ensino, neste caso, as escolas de ensino infantil. Essa última “escolha” vem a ser o destaque de nosso trabalho, pois o ambiente escolar infantil é aquele em que vivemos parte de nossa vida. E isso vai além de ganharmos o nosso sustento em função da docência, assim como, para a sobrevivência pessoal e social, para as diversas tentativas em ajudar, buscando, dessa forma, constantemente, o progresso social, seja qual função, optamos.

No que tange à educação, o ambiente escolar, cabe a todo corpo escolar: pessoal de apoio (serventes, vigias e merendeiras), corpo docente, assistentes e auxiliares administrativos, coordenação e diretoria fazer valer atitudes positivas, incentivadoras e de respeito no universo cultural, social e comportamental ao qual estamos entregues e, a partir disso, devemos, primordialmente motivar, valorizar cada área de atuação na escola, pois a importância de cada um é significativa para o andamento das ações que a escola planeja durante o ano letivo.<sup>1</sup>

A questão da aplicação da ética no trabalho, relações humanas, etiqueta comportamental, valores humanos (direitos e deveres), comunicação concisa, linguagem individual, moral cidadã são pertinentes, pois a instituição de ensino como todo passa por problemas rotineiros e que estão impregnados, há muitos anos, no convívio social do trabalho, como: o baixo rendimento escolar, o vandalismo, a falta de incentivo tanto para os alunos quanto para os funcionários e da participação quase nula da família e comunidade.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> MARTINS, Marcos A. P. *Gestão Educacional: planejamento estratégico e marketing*. Rio de Janeiro: Brasport Livros e Multimídia, 2007. p. 121.

<sup>2</sup> ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria G. *Violências nas escolas*. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura Brasil, Rede Pitágoras, Coordenação DST/Aids do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime, 2002.

Enfim, esses são pontos que destroem o relacionamento humano e que precisamos refletir acerca de uma sustentabilidade e força de um sistema educacional global de modo “construtivismo pedagógico”, como cidadãos e cidadãs conscientes de suas ações, na aceitação de críticas construtivas e motivadoras, garantindo o comprometimento da mudança e do exercício de diferentes performances para: cumprimentar o semelhante, ouvir o outro, respeitar e não inferiorizar-se, ou inferiorizar o outro pelo cargo que exerce, por exemplo.

O fortalecimento de laços de profissionalismo e amizade, enfim, diferentes performances garantem aquilo que chamamos de prazer e da vontade de serem peças-chave dentro do local de estudo, no caso dos discentes, ou trabalho, no caso dos demais componentes da escola, até obtermos aquilo que pode ser o sucesso<sup>3</sup> da formação geral do ser humano.

Contudo, utilizaremos como objeto de pesquisa de observação com os agentes da Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” (E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”): direção, docente, administrativo e apoio e, como parte mais importante e que refletirá todas as atitudes dos trabalhadores em educação: o discente. Além, de inserirmos a comunidade e a família como sujeitos integrantes da escola para, com eles, tentarmos solucionar, a partir de projetos e metodologias, as discrepâncias localizadas durante a pesquisa.

E dentro dessas ideias, Boff,<sup>4</sup> em toda a sua obra, fala do cuidar humano aos olhos da ética, assim como Aranha e Martins<sup>5</sup> em sua filosofia sobre ética. Além disso, Moscovici,<sup>6</sup> que fala sobre desenvolvimento interpessoal, relações humanas e a dinâmica do trabalho em grupo. Destaquemos, aqui, Weil e Tompakow<sup>7</sup> que falam sobre as “Relações humanas na família e no trabalho”. Assim, também, Davis e Newstrom<sup>8</sup> no seu “Comportamento humano no trabalho” e Chalita<sup>9</sup> em “Os dez

---

400 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

<sup>3</sup> Termo genérico aqui empregado. Deve-se ter consciência que o termo sucesso foi empregado no seu sentido *lato*. O pode ser sucesso para um, para outro pode não ser.

<sup>4</sup> BOFF, Leonardo. *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009. 175 p.

<sup>5</sup> ARANHA, Maria L. A.; MARTINS, Maria H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993. 439 p.

<sup>6</sup> MOSCOVICI, Felá. *Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo*. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. 276 p.

<sup>7</sup> WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *Relações humanas na família e no trabalho*. 54. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 246 p.

<sup>8</sup> DAVIS, Keith; NEWSTROM, John W. *Comportamento humano no trabalho: uma abordagem organizacional*. São Paulo: Pioneira, 1996. 198 p.

mandamentos da ética”. Para darmos mais ênfase, Guirao<sup>10</sup> com “A etiqueta que faz a diferença nas empresas” e Araújo<sup>11</sup> com “Etiqueta empresarial”. Barroco<sup>12</sup> nos ilustra em “Ética: fundamentos sócio-históricos”. E, finalmente, alguns pontos de Nietzsche<sup>13</sup> em “Genealogia da moral: uma polêmica”. Posteriormente, serão acrescentados outros autores para reafirmar e corroborar esta linha de raciocínio tomada como fio condutor principal deste estudo.

---

<sup>9</sup> CHALITA, Gabriel B. I. *Os dez mandamentos da ética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 232 p.

<sup>10</sup> GUIRAO, Maria E. F. *A etiqueta que faz a diferença nas empresas*. São Paulo: Novatec, 2008. 208 p.

<sup>11</sup> ARAÚJO, Maria A. A. *Etiqueta empresarial: ser bem educado é...* Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006. 208 p.

<sup>12</sup> BARROCO, Maria L. S. *Ética: fundamentos sócio-históricos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 245 p. (Cortez. Coleção Biblioteca Básica para o Serviço social, v. 4).

<sup>13</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. 3. ed. Tradução, notas e posfácio: SOUZA, Paulo C. L. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. 176 p.





## 2 A ÉTICA NA VISÃO VOLTADA PARA O TRABALHO EM EDUCAÇÃO

### 2.1 O que é ética?

A ética tem como ser uma característica inerente de toda ação humana e por esta razão, é um elemento vital na produção da realidade social. É o processo e as formas pelas quais o homem rompe com o padrão de interligação entre a natureza, visto que é imediato e instintivo, para que o mesmo possa dar os primeiros passos na construção do ser para si mesmo e de um novo ser. Dentre isso, são tecidas as possibilidades do homem construir-se como um ser ético, sendo mediador de si e da natureza. Tadêus e Cunha dizem que a “a ética teria surgido com Sócrates, quando o filósofo investiga e explica as normas morais que o leva a agir não só por tradição, educação ou hábito, mas principalmente por convicção e inteligência”.<sup>14</sup>

Nesse caso, Chauí<sup>15</sup> nos cita que os filósofos antigos, aqui, os gregos e romanos, consideravam que a vida ética transcorria como um embate contínuo entre nossos apetites e desejos, ou seja, — as paixões — e a nossa razão. Por meio da natureza, somos passionais e a tarefa primeira da ética é a educação de nosso caráter ou de nossa natureza para seguirmos a orientação da razão. A vontade possuía um lugar fundamental nessa educação, pois era ela que deveria ser fortalecida para permitir que a razão controlasse e dominasse as paixões.

Chauí<sup>16</sup> resume a ética dos antigos em três aspectos principais:

1. o **racionalismo**: a vida virtuosa é agir em conformidade com a razão, que conhece o bem, o deseja e guia nossa vontade até ele;
2. o **naturalismo**: a vida virtuosa é agir em conformidade com a Natureza (o cosmos) e com nossa natureza (nosso *ethos*), que é uma parte do todo natural;
3. a **inseparabilidade entre ética e política**: isto é, entre a conduta do indivíduo e os valores da sociedade, pois somente na existência compartilhada com outros encontramos liberdade, justiça e felicidade.

A ética, dessa forma, era idealizada como educação do caráter do sujeito moral para dominar racionalmente os impulsos, os apetites e os desejos, com a

<sup>14</sup> TADÊUS, Patrícia A.; CUNHA, Nilda A. F. Ética na educação. *Revista Triângulo: Ensino, Pesquisa e Extensão*, Uberaba, v. 2. n. 2, p. 143, 2009.

<sup>15</sup> CHAUI, Marilena. A filosofia moral. In: \_\_\_\_\_. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p.440.

<sup>16</sup> CHAUI, 2000, p. 440.

finalidade de orientar a vontade rumo ao bem e à felicidade. Além disso, para formá-lo como membro da coletividade sociopolítica. A finalidade da ética era a harmonia entre o caráter do sujeito virtuoso e os valores coletivos, que também deveriam ser virtuosos.<sup>17</sup>

Todo homem possui um senso ético; uma consciência de seus atos, ou seja, a moral. Segundo o que menciona Chalita: “a ética pode ser traduzida como uma busca racional e emocional pela felicidade. Felicidade que se percebe na simplicidade dos afetos cotidianos ou na obra correta dos construtores de tão numerosas profissões.”<sup>18</sup>

Em destaque, López-Aranguren<sup>19</sup> reforça o sentido da palavra ética:

A palavra **ética** (*negrito nosso*) procede do vocábulo *ethos* (*itálico nosso*), que possui dois sentidos fundamentais. Segundo o primeiro conceito, que é mais antigo, significa ‘residência’, ‘morada’, ‘lugar onde se habita’. [...] Este sentido da palavra foi *ethos* filosoficamente prestigiado em nosso tempo porque Heidegger apoiou nele sua concepção de ética, expô-la em ‘Carta sobre o Humanismo’ (tradução nossa).<sup>20</sup>

Em Heráclito,<sup>21</sup> o que envolve a ética é em relação ao espaço interior da consciência da pessoa. O *ethos* nada mais é do que o espaço onde habita a consciência (o ser) e onde o homem e a mulher manifesta seus pensamentos. Esse mesmo autor o compara a um solo firme, que por sua vez, constitui a práxis, analisando-o como algo íntimo, presente nele e não comparado ao que se vê no exterior. O mesmo é estabelecido como algo de modo inato, ainda que adormecido; como qualquer coisa em potencial.

Considerando o que Caetano e Silva<sup>22</sup> repassam sobre as questões éticas, estas são entendidas como dimensões complexas e integradoras, onde se sobrepõem o racional e o emocional, o afetivo e o intuitivo, o pensamento e a ação, o objetivo e o subjetivo, extravasam a reflexão sobre os valores e intersticiam-se no

<sup>17</sup> CHAUI, 2000, p. 440.

<sup>18</sup> CHALITA, 2009, p. 15.

<sup>19</sup> LÓPEZ-ARANGUREN, José L. *Ética*. Barcelona: Altaya, 1998. p. 21. (Altaya. Coleção Grandes Obras del Pensamiento).

<sup>20</sup> La palabra ética [...] procede del vocablo ἦθος que pose e dos sentidos fundamentales. Según el primero y más antiguo, significaba “residencia”, “morada”, “lugar donde se habita”. [...] Esta acepción de la palabra ἦθος se ha visto filosóficamente prestigiada en nuestro tiempo porque Heidegger ha apoyado en ella su concepción de la ética, expuesta en la ‘Carta sobre el humanismo’.

<sup>21</sup> HERÁCLITO. *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de textos e supervisão de SOUZA, José C. São Paulo: Nova Cultural, 1973. 353 p. (Nova Cultural. Coleção Os Pensadores, v. 1).

<sup>22</sup> CAETANO, Ana P.; SILVA, Maria L. Ética profissional e formação de professores. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, Lisboa, v. 4, n. 8, 2009, p. 50.

cotidiano dos indivíduos e das comunidades, contribuindo para que aí equacionem os seus sentidos individuais e coletivos.

Vale citar ainda Chalita,<sup>23</sup> em que a ética é como algo notório “na ação magnânima de uma personalidade pública em benefício da causa humana ou na ação, também magnânima,...”. Isso com relação a qualquer pessoa deste planeta. E ainda nos releva que<sup>24</sup>

O bem é a finalidade da ética. Ou seja, como disciplina, a ética procura determinar os meios para atingir o bem. Mas pode-se dizer também, de maneira muito mais ampla, que o bem é a finalidade de todas as atividades humanas. Afinal, toda vez que nos empenhamos em fazer algo, temos interesse em obter um resultado adequado, seja para nós, seja para os outros. O artesão que desbasta o galho, pouco a pouco exibindo a forma que ele adivinhava estar contida na madeira, procura ao final alcançar um objeto útil, seja pelo aspecto ornamental ou pelo aspecto do uso instrumental. Esse artesão aspira a executar de modo completo, acabado, o que iniciou. Isso é o trabalho bem-feito.

E, Aristóteles<sup>25</sup> que se baseia na ética como uma virtude do ser humano, intelectual e moral, que se gera e cresce a partir do ensino com a aquisição de experiências na medida em que o tempo passa. E, a moral a partir de hábitos colocados de acordo com a vivência. Com efeito, nada que exista naturalmente pode formar um hábito contrário a sua natureza. Somos adaptados por natureza a receber as virtudes que nos tornou perfeitos pelo hábito, seja para o que é dito errado.

Conforme Baptista: “sensibilidade, prudência, solicitude ou bondade, são marcas de uma ação ética investida e que requerem o exercício pessoal de uma consciência crítica”.<sup>26</sup> De acordo com Johann.<sup>27</sup>

O exercício ético resulta de uma prática filosófica que desinstala, inquieta e rompe com toda sorte de dogmatismos. A permanente reflexão crítica leva a salvaguardar a liberdade individual e coletiva de submissões escusas e de manipulações indignas. Portanto, ao longo de todo o desenrolar deste trabalho, as expressões ética e moral serão entendidas e aplicadas de acordo com esta compreensão acima explicitada.

<sup>23</sup> CHALITA, 2009, p. 15.

<sup>24</sup> CHALITA, 2009, p. 44.

<sup>25</sup> ARISTÓTELES. *Política*. (Edição bilíngue grego-português). Tradução de AMARAL, Antônio C.; GOMES, Carlos C. Lisboa: Veja, 1998. [πολιτικά. In: ARISTOTELIS. Opera edidit Academia Regia Borusica. Edição crítica de BEKKER, August I. Berolini: apud Georgium Reimerum, 1831–1870; rev. e reimpr. GIGON, Olof. *Aristotelis Opera, exrecensione Immanuelis Bekkeriedidit Academia Regia Borussica; accedunt Fragmenta, Scholia, Index Aristotelicus*. Berlin; New York: W. de Gruyteret Socios, 1960–1961].

<sup>26</sup> BAPTISTA, Isabel M. C. *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Prof. edições, 2005. p. 23.

<sup>27</sup> JOHANN, Jorge R. *Educação e ética: em busca de uma aproximação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. p. 36.

Para Barroco,<sup>28</sup> a ética é:

[...]— entendida como modo de ser socialmente determinado — tem sua gênese no processo de autoconstrução do ser social. [...] o ser social surge da natureza e que suas capacidades essenciais são construídas por ele no seu processo de humanização: ele é autor e produto de si mesmo, [...]

A partir do momento em que o homem vive em sociedade e parte do princípio de que ele necessita portar-se de forma a contemplar uma maior parte ou senão, uma parcela do que se tem como moral e racional para convivência em harmonia. Para exemplificar, Ribeiro<sup>29</sup> analisa que:

Sob o nome de ética, o que se pede é um rol do que deve ou não ser feito, do certo ou errado. O que muitos querem talvez não seja tão diferente de uma reedição dos mandamentos bíblicos. Mas uma lista, seja qual for, de atos permitidos e proibidos jamais se confundirá com o que é ética.

Como, para reforçar, reflete o filósofo, escritor e professor hispano-mexicano Sánchez-Vázquez,<sup>30</sup> a ética, quando relacionada com a moral:

é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas [sic] as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas, livre e conscientemente, por uma convicção íntima e não de uma maneira mecânica, externa e impessoal.

A ação da ética é um resultado de um ato voluntário que o homem vai adequando-se e não o simples obedecer às aparências ou regras impostas. É uma oportunidade de se portar existencialmente, preservando as alternativas. E por ser algo interno e consistente, não se permite que tenha duas formas de ser; não há uma dupla observância ou personalidade. Por exemplo, a externa que é visível aos olhos de uns e, por isso, a preocupação de estar se adequando ao que se exige pela sociedade que lhe convém. Como o fato de pertencer à alta classe social. A outra, interna, é a retida, a que demonstra para outros uma postura diferente por vários motivos, como o preconceito racial, de cor, social, etc.

Dusset<sup>31</sup> nos evidencia mais sobre o aspecto existencial da ética:

<sup>28</sup> BARROCO, 2008, p. 20.

<sup>29</sup> RIBEIRO, Renato J. *Mais 10 mandamentos: otimistas e depressivos têm a mesma visão equivocada da ética*. Folha de S. Paulo, São Paulo, v. 72, n. 23.328, domingo, 14 de fevereiro de 1993. Caderno Mais!, p. 3.

<sup>30</sup> SÁNCHEZ-VÁZQUEZ, Adolfo. *Ética*. 34. ed. Tradução de DELL'ANNA, João. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 84.

<sup>31</sup> DUSSEL, Enrique D. *Para uma ética da libertação latino-americana: I – Acesso ao ponto de partida da ética*. Tradução de GAIO, Luiz J. São Paulo: Loyola; Piracicaba: Unimep, 1982. p. 41–42. (Loyola; Unimep. Coleção Reflexão Latino-americana, 2, I).

O tema da ética é o homem ingenuamente caído na cotidiana existência (...). Esta situação cotidiana é o que chamaremos “situação existencial” (...). A práxis não é *um* modo, mas o modo de estar no mundo (...). O existencial e o prático, a *práxis* e a existência cotidiana são termos que se situam no mesmo nível, já que a *práxis* é o modo pelo qual o homem se transcende...

Haja vista que a ética não deve se restringir ou identificar-se a moral, por isso, é importante que se veja a origem da palavra ética para, então assim, conseguirmos refletir na ação da ética como teoria e prática.

O termo *ethos* para Vaz<sup>32</sup> é ter duas acepções:

...a primeira (...) designa a morada do homem. O *ethos* é a casa do homem. (...) A metáfora da morada e de abrigo indica justamente que, a partir do *ethos*, o espaço do mundo torna-se habitável – para o homem. (...) A segunda (...) diz respeito ao comportamento que resulta de um constante repetir-se dos mesmos atos. O *ethos*, nesse caso, denota uma constância no agir...

Também destacamos Barroco<sup>33</sup> que diz que “a ética é parte integrante da prática social dos homens, objetivando-se tanto nas suas atividades cotidianas como nas formas de práxis que permitem a ampliação de sua consciência moral e seu enriquecimento como indivíduos.”

Podemos encontrar a equivalência dos termos ética e moral, porém a palavra moral é posterior ao *ethos* e tem sentido diferente como outrora fora abordado.

E para Aristóteles<sup>34</sup> “o *ethos* não é algo que já esteja no homem e sim aquilo que foi adquirido através dos hábitos. A ação expressa àquilo que foi assimilado previamente do exterior. Por isso, não é inato, não é dado por natureza.” Em termos de educação, temos o ensino, ou seja, a formação de hábitos. Esse foi o ponto de partida para o uso posterior da palavra moral, os costumes que devem ser introjetados por meio da educação moral. Boto cita que: “apreender a ideia [sic] aristotélica de ética requer, de qualquer maneira, algum deslocamento de nosso modo usual de perceber o tema. Para Aristóteles, o objetivo da ética era a felicidade.”<sup>35</sup> Uma das características da ética aristotélica é a harmonia entre a

<sup>32</sup> VAZ, Henrique C. L. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994. p. 12–14. (Loyola. Coleção Filosofia, 8).

<sup>33</sup> BARROCO, 2008, p. 11.

<sup>34</sup> ARISTÓTELES, 1998, p. 1280a 15–20.

<sup>35</sup> BOTO, Carlota. *A ética de Aristóteles e a educação*. São Paulo: Mandruvã Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur16/carlota.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

paixão e a razão, entre a virtude e a felicidade. Para Aristóteles, a doutrina de que a virtude é um hábito racional.<sup>36</sup>

De acordo com Perelman,<sup>37</sup> ainda que as posturas éticas não sejam bastante definíveis com base em razões que convencerão igualmente a todos os homens, essas posturas éticas também não são meramente contingentes. Elas atuam como construções humano-sociais marcadas por diferentes fatores e interesses, sendo os processos argumentativos os meios pelos quais há sustentação ou refutação da natureza ética de uma ação. A partir deles, é possível fazer a negociação das distâncias que, por razões culturais, sociais ou religiosas acabam por separar os indivíduos, levando-os a estabelecer novos acordos normativos, por mais que sejam ainda provisórios. Perelman diz ainda que retirar da ética o caráter universal e absoluto que a caracteriza como monismo<sup>38</sup> não significa proclamar o relativismo axiológico; é, antes, um meio de chamar a atenção para o fato de toda construção humana é controversa e, por conseguinte, se torna objeto de dúvidas e de questionamentos.

Duarte<sup>39</sup> cita que a importância da ética na formação moral da criança centra-se no papel do educador, assumindo-se como agente ético face às condições sócio-familiares e culturais que as crianças atualmente enfrentam e como promotor do seu desenvolvimento numa perspectiva de futuro. Na perspectiva dos professores e das professoras, essa formação centra-se na relação direta com a criança, no sentido de ser para ela um modelo de referência, de agir eticamente para a sua formação e integração na sociedade e na sua preparação para a vida. Duarte<sup>40</sup> ainda enumera que se deve trabalhar em parceria, em prol da formação da criança, dar-lhe atenção, bem como ao meio envolvente em que está inserida e fomentar nela os valores da sociedade.

---

<sup>36</sup> ROCHA, Narcisa F. L. *O agir ético segundo Aristóteles*. 2009. p. 11. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

<sup>37</sup> PERELMAN, Chaïm. *Ética e direito*. Tradução de: PEREIRA, Maria E. G. G. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 41–51.

<sup>38</sup> O termo se deriva de mônada, que em uma acepção leibniziana significa totalidade em si mesma. Por isso, Chaïm Perelman, critica-os dentro das concepções que defendem o caráter unitário da verdade. Neste caso, o monismo, cujo propósito é oferecer uma visão sistematizada e racionalizada do mundo.

<sup>39</sup> DUARTE, Margarida. Formação ética de docentes e prática pedagógica. COLÓQUIO AFIRSE (ASSOCIAÇÃO FRANCO FONE INTERNACIONAL DE PESQUISA CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO) – SECÇÃO PORTUGUESA, 17. Lisboa. *Actas...*Lisboa: Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação – Secção Portuguesa, 2009. p. 5. Disponível em: <[http://www.afirse.com/archives/cd2/Ateli%C3%AAs/6a%20feira\\_14h30/Ateli%C3%AA%209/Marg arida%20Duarte.pdf](http://www.afirse.com/archives/cd2/Ateli%C3%AAs/6a%20feira_14h30/Ateli%C3%AA%209/Marg arida%20Duarte.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2017.

<sup>40</sup> DUARTE, 2009, p. 5.

Diante as observações na tentativa de definir o conceito da palavra ética, infere-se que ética são comportamentos que no geral todo mundo sabe o que são, mas não são tão simples de explicar, de forma tradicional ela é compreendida como um estudo ou uma reflexão científica ou filosófica e até mesmo teológica a respeito de ações e costumes do homem, porém chamamos de ética a própria vida, de acordo com os costumes considerados corretos.

Sendo assim, a ética pode ser o estudo das relações ou dos costumes, podendo ser também a própria realização do comportamento que um indivíduo adota. De uma visão científica a ética poderia ser denominada como ciência normativa e descritiva ou mesmo poderia ser denominada como ciência especulativa por tratar de questões fundamentais da liberdade.

De forma didática habitua-se dividir os problemas teóricos da ética em dois, o primeiro é ligado aos problemas gerais e fundamentais, tais como o de liberdade consciência, bem, valor, lei e outros, quanto ao segundo são problemas específicos de aplicação concreta que envolve a ética profissional, política, sexual, matrimonial, de bioética, dentre outros. Podendo ser classificados como procedimento didático ou acadêmico, pois no cotidiano dos indivíduos não há como separar estas duas finalidades.

A ética poderá ser também distinguida em outros ramos, que envolvem outros estudos de comportamentos humanos como o direito a teologia, a estética, a psicologia, a história, a economia e outros. Sendo assim, ao tentar diferenciar estes ramos, não se pretende simplificar os problemas na prática da vida, apenas compreender o fundamentalismo da ética, por exemplo, subornar um funcionário é um problema apenas ético? Ou apenas econômico? Ou tem os dois aspectos? No caso de, por exemplo, uma blitz? A pessoa que aborda quer cumprir seu papel, e a que está sendo abordada pode estar passando por situações financeiras complicadas, na qual leva a não ter recursos suficientes para resolver este problema, o que acaba o levando a propor um valor menor para sair da blitz. Nesse contexto, nos faz perguntar-nos se num país capitalista no qual vivemos, o princípio do lucro pode ser visto como situações acima ou abaixo das leis da ética.

Ou mesmo nos colocando em épocas difíceis, no qual nos leva a questionamentos de um estado se a lei de um estado autoritário precisa ou não ser obedecida, por exemplo, em crises políticas e econômicas que vivemos atualmente nos leva a sentir o desejo de infringir o conceito ético. Situações do cotidiano nos

levam a buscar compreender melhor o sentido da ética, quando nossa consciência trata de uma culpa, cabe à reflexão ética. Assim, a ética envolve muitos aspectos da vivência humana ou até mesmo todos e todas.

Dentro da arte, por exemplo, vale nos questionar sobre a sedução de encantamento da música, do que pode ou do que deve ser usado para condicionar o comportamento das pessoas. Dentro da religião o mandamento do amor, no qual quer reforçar o amor aos inimigos, é válido como obrigatório para todos? Dentre outras questões específicas da ética, nos leva a levantar outros questionamentos a respeito deste assunto, por exemplo, os costumes mudam de acordo com que o homem muda. Então podemos julgar que o correto hoje era considerado errado ontem? O que houve então? Houve mudanças de valores? Ou a ética se adequa de acordo com as mudanças da humanidade?

Se for assim, então será que a ética não é listas de comportamentos provisórios? Levando a este pensamento, então o que seria um comportamento correto em ética? Poderia ser classificado como um comportamento adequado aos costumes vigentes sociais. Em suma, ética tem ao menos uma função descritiva, precisa procurar conhecer e segurar-se em pesquisas de antropologia cultural e semelhantes, aos costumes dos diferentes tempos e lugares.

Ressalta-se ainda, que a ética não trata apenas sobre costumes, trata da sabedoria, por isso, torna-se uma reflexão teórica com validade universal, os costumes aderidos pela ética, está voltado à humanidade que reverte às normas e comportamentos dos últimos tempos. De acordo com a evolução humana, dentro das cavernas, por exemplo, o homem se comportava dentro da sua ética, porém são comportamentos que na atualidade é completamente discriminada pela abrangência da sexualidade.

Em alguns documentos por volta de dois mil e quinhentos anos atrás, onde as teorias éticas carregavam a marca do tipo de organização social. O que levava nascerem reflexões da experiência de um povo. Enfatiza-se que a raiz social não pode revista como meios de desvalorizar as reflexões mais profundas, porém trazem subsídios para a compreensão entre doutrinas éticas escritas pelos filósofos que relacionam costumes reais do povo e das diferentes classes.

Para compreender a ética numa ou em outra sociedade por meio de documentos escritos ou por pinturas, esculturas, tragédias e comédias, formulações, jurídicas, políticas, livros, relatórios, históricos de expedições guerreiras, livros



penitenciais dos bispos medievais, somente por intermédio de tais consultas poderemos alcançar a compreensão do fenômeno ético, leva-se em consideração que viajar por tais leituras, nos admite melhor compreensão das diversidades dos costumes.

Argumentar sobre a ética nos últimos tempos, deve estar relacionado a princípio ético supremo, não poderia ser moldado de um princípio que proíbe o incesto, que é o casamento entre parentes, mas como definir concretamente estes casos de relações de cônjuges entre parentes, na Idade Média em meados do ano 1000, essa relação poderia atingir até o sétimo grau, o casamento entre primos até o sétimo grau era crime e pecado, mas se quase todos eram analfabetos e analfabetas, como evidenciavam a árvore genealógica?

Os meios para a definição da árvore genealógica se davam, da seguinte forma: os nobres se casavam sem questionar nenhuma genealogia da esposa, para a percepção se havia algum tipo de linhagem sanguínea era ao nascer o filho, se fosse menina era por que havia parentesco entre os dois, se fosse menino, era por que não havia nenhum parentesco.

Se formos pensar na complexidade dessas atitudes, compreenderemos que talvez, os valores mais altos, estariam em torno da linhagem das alianças político-militares, que se volta para estruturas de lutas, na competição e na guerra, mas e hoje? A ética numa época de capitalismo avançado, com a força de trabalho que independem de linhagens de herança. Atualmente, não encontramos tantas diferenças entre costumes das classes altas e baixas? O que nos leva a questionar sobre a ética absoluta.

Para Weber, pensador alemão do início do século, a ética é simples, clara e acessível a todos. A diversidade não pode ser vista como simultânea? Maiores são as variações de um século para o outro, em épocas passadas, a castidade era denominada como um dos valores mais altos da escala ético-religiosa, isso simplifica os grandes movimentos monacais, assim, como esclarece o modelo de homem cristão, no qual era visto como burguês, culto, casado, com famílias grandes, e boas economias acumuladas, cultor da vida urbana e social.

Nesse sentido, poderia mencionar que a ética se debate com problemas da variação dos costumes. E quanto aos pensadores da ética alcançaram formulações que pudessem explicar os princípios universais de igualdade do gênero humano de fundamentalidade das próprias variações. Contudo a ética, está voltada para

variações dos comportamentos de diferentes formações culturais e históricas. Quanto ao que aconteceu com Sócrates, que foi condenado a beber veneno, por pesar sobre ele a acusação de sedução da juventude e que não honrava os deuses da cidade, além de desprezar as leis da cidade-estado. Depois de dois milênios, ainda há questionamentos sobre sua condenação, procurando saber, se foi justa, afinal ele obedecia às leis, mas as questionava em seus diálogos, procurando compreender a racionalidade da validade.

Dentre estes questionamentos declaravam dúvidas sobre a posição justa das leis e a hierarquia não suportava os questionamentos feitos por Sócrates, pois para eles, as leis não eram para serem questionadas, apenas obedecidas. Todas essas complicações vivenciadas por Sócrates o tornou o fundador da moral, pelos seus comportamentos não se basear apenas nos costumes ancestrais, mas acima de tudo em sua própria convicção pessoal adquirida na sua consciência para melhor compreender a justiça das leis.

Ao que consta na história de Sócrates, ele abandonou os estudos da ciência da natureza, para compreender até mesmo o seu agir. Muitos nomeiam Sócrates como o primeiro pensador da subjetividade, que poderia ser visto também como um comportamento irônico de sua parte, já que a ironia transparece uma ignorância fingida, sempre deixando dúvidas entre o que eu digo e o que eu quero dizer. Com uma relação de distancia entre o interior e o exterior.

Mais tarde o pensamento, as reflexões de valorização da subjetividade de Sócrates vêm se relacionar com Kant, por volta do século XVIII, Kant queria compreender a ética em uma validade universal, apoiada em igualdade fundamental, social, a filosofia defendida por ele, estava no topo, o ser humano, sendo denominado transcendental, suas intenções queriam encontrar no homem as condições de possibilidades do pensamento verdadeiro e do agir livre.

As questões éticas estavam no dever ou obrigação moral, baseada em necessidade diferente ou natural da matéria. Onde para ele o dever obriga a consciência moral em situações à vontade verdadeira. Diante disso, um passo típico do movimento iluminista é a igualdade básica ente os homens. Kant enfatizava ainda que a relação de igualdade entre os homens era a peça fundamental para o desenvolvimento de uma ética universal. Ele queria alcançar a igualdade ética para todos e todas, uma moral racional, sendo que a referida moral não é essencialmente apenas aos aspectos exteriores de conhecimentos empíricos históricos, eleva

também às leis, costumes, tradições e inclinações pessoais, onde se a moral é apenas a racionalidade da ação do ser humano, do seu dever, do seu modo de agir, então para ele poderia haver um único comportamento ético.

De acordo com a compreensão das teorias, cada lei, ordem, costume, onde o sujeito é livre, e busca compreender seu dever, para agir apenas de acordo com esse dever, então vê a ética revolucionária, em época denominada por relações antigas de tradições.

Kant defende ainda que, os conteúdos éticos nunca são dados do exterior. Os que criticam Kant, dizem que ele teria as mãos limpas se ele tivesse mãos, ou seja, afirmam que a maneira como Kant defende a ética e a moral é impossível de agir, seria querer reiniciar e reiniciar sempre, supondo consciência moral e pura que não existe. Criticavam ainda que não podiam ignorar a história, as tradições éticas do povo sem cair em uma ética totalmente abstrata.

Atualmente, o pensamento de Kant é considerado mérito definitivo, onde é colocando a consciência moral do ser humano, como centro da preocupação moral, pois o dever ético volta-se para o indivíduo mesmo que não possa ser considerado sozinho. Para superar o pensamento atual de Kant, que é moralista, Hegel consiste na esfera denominada como eticidade da vida ética, onde dar atenção à liberdade com instituições históricas e sociais que envolvem família, sociedade civil e estado, sobre isso Hegel afirma que “o estado é a realidade efetiva da ideia ética”.

Vê-se então que as maiores problemáticas sobre a ética estão em três momentos, nos quais, é a família, sociedade civil e estado, que não podem ser ignorados, sobre a família atualmente se coloca de forma muito exigentes da ética do amor, o que nos leva pensar se o amor não deve ser livre? Do mesmo modo que se questiona a essência da felicidade, sem a concepção crítica de posse masculina ou feminina. Além do progresso das ciências expressadas no sentimento de amor, sem que envolva o matrimônio, levando esse pensamento para os relacionamentos heterossexuais.

Dessa forma, reflexões a cerca das necessidades de relacionamentos dentro do próprio casal, a luta pela libertação da mulher, levam exigências éticas, que até hoje não conseguem se fundamentar em formulações adequadas justas e fortes. Sobre a sociedade civil, Hegel diz que significa urgência nos problemas materiais, que tratam sobre o sentido da palavra ética. Desse modo, pode estar voltadas para

vários fenômenos, relações de trabalho, relações da falta de trabalho, de trabalho escravizado.

Sendo assim, infere-se que nosso país, precisa não somente de questões éticas, mas políticas, que desafiem o sentido ético. As experiências socialistas atuais levam teóricos a pensar sobre a propriedade para a alta relação humana, insistido sobre injustiças e os meios de riquezas.

A propriedade particular se apresenta em doutrinas éticas com extensão do seu corpo para elevar a segurança pessoal e afirmar a alta determinação sobre as situações, por fim o terceiro se dá pela relação ao estado que envolve problemas éticos, ricos e complexos. Kant, fala que reconhece as análises de Hegel que fala da nacionalidade e da organização estatal, na qual relaciona a liberdade, seja individual ou completa, onde lei, constituições, declarações de direitos, definições dos pobres, divisão dos poderes e até mesmo eleições periódicas, são questões éticas fundamentais onde nenhum indivíduo é puramente livre numa ditadura.

Contudo realizar inferências sobre pensamentos de filósofos a respeito da questão ética nos parece ética então, desenvolver principalmente a preocupação com a autonomia moral do indivíduo, onde este indivíduo procura se comportar de acordo com sua razão natural. O mundo medieval é formado na autoridade da palavra divina revelada, o indivíduo age pela sua natureza, pelo direito natural que contém princípios do direito divino dos reis, sendo assim, temos Rousseau (1712-1778) com ideologias de vivência melhores por conta de retomada às condições naturais, anteriores a civilização e assim, temos Kant que busca descobrir cada homem em cada indivíduo sua própria natureza fundamentada igualmente, mas de forma livre.

Por conta das definições acima sobre ética e por fim, moral, podemos concatená-las ao objetivo do nosso trabalho que reflete com base na observação feita na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”, no que tange o aspecto formador das atitudes dos agentes ligados ao estudo do trabalho.

## 2.2 A ética na formação pessoal e profissional dos agentes em educação

Começamos pelo trecho extraído de Schopenhauer<sup>41</sup> que diz:

O homem vive em meio às tormentas da existência, onde há muitas lutas, disputas e egoísmo. Mas é necessário elevar-se até uma etapa mais sutil, onde se liberta de imposições, coerções ou do 'dever', e assume, com liberdade, a etapa ética: 'não prejudiqueis a pessoas alguma, sede bom com todos'.

A partir do trecho citado pode perceber que tanto os pais e a comunidade quanto os educadores e as educadoras, assim como os e as discentes têm a inteira responsabilidade de saber viver em grupo. Saber lidar com situações diversas no que diz respeito aos acontecimentos, as ações, aos projetos anuais, ao ensino-aprendizagem, para tentar agradar e conviver de maneira apaziguada; tornar agradável o ambiente também é, acima de tudo, conviver sobre reflexões positivas e proveitosas.

Oliveira<sup>42</sup> diz que em um ambiente motivador dos interesses do aluno e da aluna, no qual suas escolhas sejam respeitadas, a disciplina em estudo é vista como consequência e, não como aquele princípio regulador da disciplina, não sendo preciso, entretanto, impor regras de comportamento. Dessa forma, Hansen e Cavallari Filho<sup>43</sup> destacam com propriedade que para Dewey não deveria haver separação entre os aspectos relativos à cognição e aqueles ligados à educação moral, de modo que não caberia às disciplinas escolares tomar esta última como um objeto à parte, isolado dos temas que abordam. Para isso, o processo mais significativo reside no desenvolvimento do caráter, que é suscetível de aperfeiçoamento durante toda a existência:

O fim não é jamais um fim de estrada ou um limite a ser atingido, é antes o processo ativo pelo qual se consegue transformara situação existente. Não a perfeição como um alvo final, mas o processo permanente de aperfeiçoamento, maturação e correção é que é o alvo da vida. A honestidade, a operosidade, a temperança, a justiça, como a saúde, a riqueza e a instrução não são bens a serem possuídos como o seriam, se expressassem fins fixos a serem atingidos. São direções de mudança na

---

<sup>41</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. 2. ed. Tradução de CACCIOLA, Maria L. M. O. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 10. (Martins Fontes. Coleção Clássicos da Filosofia).

<sup>42</sup> OLIVEIRA, Renato J. Reflexões sobre a ética na educação escolar. *Educação*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 110, 2014.

<sup>43</sup> HANSEN, David T.; CAVALLARI FILHO, Roberto. O conhecimento moral como um objetivo para a educação: John Dewey. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 23–36, 2007.

qualidade da experiência. O crescimento, o desenvolvimento em si mesmo é o único “fim” moral.<sup>44</sup>

Em vista disso, Oliveira<sup>45</sup> ainda enumera que:

Sem dúvida, o exercício do pluralismo e a problematização das diferenças não é tarefa fácil no contexto escolar. Muitas vezes, professores e/ou gestores fazem referência a um tempo “perdido” em que as regras disciplinares não eram questionadas, manifestando clara preferência por uma formação ética de cunho heterônomo. A fixação no passado constituiu-se, porém, em meio cômodo de evitar a discussão, preterindo facilmente determinado status quo em função de outro.

Masetto<sup>46</sup> afirma que o educador que “quem sabe, automaticamente sabe ensinar”, porém o ato de ministrar aula não é tão somente repassar a matéria, porque isso qualquer profissional docente saberia fazer. Segundo Rengel e Guazzelli,<sup>47</sup> os profissionais da educação ficam presos ao que é ditado pelos livros didáticos ou pelos currículos rígidos, predeterminados e fechados que a maioria das escolas possui e acabam por esquecer o papel que tem na sala de aula e na formação dos alunos e das alunas.

Hamido e Uva<sup>48</sup> nos ensinam que o domínio da educação (e do ensino) é um domínio relacional por excelência, sendo o seu pendor ético facilmente reconhecível. Para esses autores, se por um lado, o ato de ensinar é guiado por regras e valores que apontam para a exemplaridade do professor como pessoa, por outro lado, encontramos a pessoa do aluno e da aluna, aquele e aquela que está na fase de desenvolvimento moral, importando para que o profissional de educação (re)conheça a dimensão ética da sua profissão, bem como o seu papel no desenvolvimento ético dos seus alunos e suas alunas.

É através da análise das Diretrizes Estatais para a formação de professores e professoras, e dos documentos a partir delas elaboradas (PCN's — Parâmetros Curriculares Nacionais, Formações Continuadas, por exemplo) que é possível perceber em certas “concepções éticas” a eles subjacentes. Porém, tais concepções

<sup>44</sup> DEWEY, John. *Vida e educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.p. 176–177.

<sup>45</sup> OLIVEIRA, 2014, p. 112.

<sup>46</sup> MASETTO, Marcos T. Necessidade e atualidade do debate sobre competência pedagógica e docência universitária. In: \_\_\_\_\_. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus Editorial, 2012. p. 15.

<sup>47</sup> RENGEL, Patrícia; GUAZZELLI, Carolina T. *Reflexões sobre a ética na educação*. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2016. p. 6. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Patricia-Rengel.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

<sup>48</sup> HAMIDO, Gracinda; UVA, Marta. Ética em educação: sentidos, razões e consequências. *Interações*, Lisboa, v. 8, n. 21, 2012. p. 2.

apresentam-se fragmentadas e descontextualizadas, com discursos superficiais tanto das instituições promulgadoras quanto dos profissionais envolvidos na divulgação, da implementação e da avaliação dos processos de formação, além da atuação docente.

Considerando os PCN's, a distinção que se faz contemporaneamente entre ética e moral tem a intenção de salientar o caráter crítico da reflexão e que isso permite um distanciamento da ação, com a finalidade de analisá-la constantemente e reformulá-la, sempre que for necessário. Em vista disso, a ética, por ser reflexiva, tem, sem dúvida, um caráter teórico. Tudo isso não significa, entretanto, que ela seja abstrata ou metafísica, descolada das ações concretas do mundo. Não se realiza o gesto da reflexão por mera vontade de fazer um “exercício de crítica”.<sup>49</sup>

Tal referencial, assim, não tem qualquer influência consistente na produção e alterações significativas, do ponto de vista ético e na prática dos professores, limitando-se a funcionar tão somente como argumentos da retórica institucional.

Em outras ocasiões, a escola faz a atribuição de que é a família que tem a responsabilidade maior pela falta de formação ética dos alunos. Essa transferência de responsabilidades não atenta para o fato de que o comportamento exibido pelos estudantes possa resultar do conflito entre visões diferenciadas (a da família e/ou a do grupo social) e aquela preconizada pela escola, tomada sempre como referência de ética.<sup>50</sup> Levando em consideração, um ponto controverso ao que foi relatado anteriormente, Severino<sup>51</sup> destaca que:

De outro lado, a educação não deve impor, via mecanismos opressores, os valores consagrados pelas morais históricas, pois assim fazendo, não cria condições para que os estudantes construam, vivenciem, sua autonomia pessoal. Toda imposição ideológica e doutrinária aliena, submete, oprime. A escola não pode agir como uma igreja ou como um partido. Por isso mesmo, em que pesem as limitações, a mediação para a formação ética dos aprendizes passa necessariamente pelo esclarecimento, ou seja, embora não baste saber, é preciso compreender. Compreender aqui significa vivenciar um saber que não apenas toca o intelecto, mas também move a vontade, desvelando um sentido valorativo, despertando a sensibilidade ao nexos desse valor ao valor da dignidade humana.

---

<sup>49</sup> CAMARGO, Edson C.; FONSECA, Jorge A. L. *A ética no ambiente escolar: educando para o diálogo*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017. p. 4-5. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/021e4.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

<sup>50</sup> OLIVEIRA, 2014, p. 112.

<sup>51</sup> SEVERINO, Antonio J. Formação e atuação dos professores: dos seus fundamentos éticos. In: SEVERINO, Francisca E. S (Org.). *Ética e formação de professores: política, responsabilidade e autoridade em questão*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 147.

Ao buscar as características fundamentais do profissional docente, deparamos com as contradições decorrentes da comparação desta profissão com as demais.

No contexto atual, o profissional em educação é visto como aquele que deve obedecer à lógica da razão instrumental que para Cunha: “..., ao invés de ver a educação como um bem humano, a descreve como um sistema que produz produtos que são constantemente avaliados para determinar sua qualidade”.<sup>52</sup>

O profissional em educação reduz-se em suas atitudes competentes de conjunto de técnicas, dependente apenas, citando o mesmo trabalho de Cunha: “um rol de competências e habilidades que todo professor deve demonstrar, (...), reduz-se (...) ao *como fazer* [itálico da autora], isto é, aos procedimentos técnicos relacionados com o trato e a transmissão de informações...”.<sup>53</sup>

Para Rengel e Guazzelli,<sup>54</sup> um dos desafios no sistema educacional é a contribuição na formação moral e ética dos alunos-cidadãos e das alunas-cidadãs. Para esses autores, é fundamental que, na educação, seja construída e problematizada a participação do indivíduo na vida pública — isso reflete na consciência de realidades, dos conflitos, dos interesses individuais e sociais, do conhecimento de mecanismos de controle e da defesa de direitos, além da noção dos limites e das possibilidades de ações individuais e coletivas.

A exemplo da dedicação de trabalho, temos os vários trabalhos do pedagogo estadunidense Schön,<sup>55</sup> com suas ideias que nortearam boa parte dos estudos acadêmicos e dos discursos de diferentes instituições educacionais, a partir da introdução do conceito de que o professor e a professora, ou qualquer outro profissional ligado à educação é reflexivo e de superação como ideal de competência na realização de práticas inovadoras. E para que isso ocorra, podemos

<sup>52</sup> CUNHA, Maria I. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. In: VEIGA, Ilma P. A.; CUNHA, Maria I. (Orgs.). *Desmistificando a profissionalização do magistério*. Campinas: Papirus, 1999. p. 144.

<sup>53</sup> CUNHA, 1999, p. 144.

<sup>54</sup> RENGEL; GUAZZELLI, p. 5.

<sup>55</sup> SCHÖN, Donald A. *The reflective practitioner: how professionals think in action*. New York: Basic Books. 1983. 374 p.

\_\_\_\_\_. *Educating the reflective practitioner: towards a new design for teaching and learning in the professions*. San Francisco: Jossey-Bass, 1987. 355 p. (Jossey-Bass. Jossey-Bass Higher Education Series).

\_\_\_\_\_. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote/IIIE, 1992. p.77–92.

\_\_\_\_\_. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000. 256 p.



perceber que, imprescindivelmente, o profissional em educação deve ter, além da qualificação intelectual e da formação continuada, os critérios de personalidade do profissional, os seus aspectos psicológicos e subjetivos, tais como: a estabilidade ou equilíbrio emocional, como enumerou Esteve.<sup>56</sup>

Um segundo aspecto que seria a substituição da formação normativa — caracterizados por modelos de ação pedagógica — por uma formação analítica descritiva realizada a partir da problematização das situações conflitantes. Tal processo formativo levaria em consideração o conjunto dos determinantes sociais que estruturam e interferem no contexto escolar e visaria à elaboração de estratégias de enfrentamento e à proposição de soluções para os problemas surgidos pela prática dos profissionais em formação.<sup>57</sup>

O terceiro aspecto citado por Esteve<sup>58</sup> é que na prática, o mesmo dá-se através da ênfase nas relações humanas e na organização dinâmica do trabalho coletivo. Com isso, o profissional identificará, assim como também, a solução de várias questões decorrentes da organização e que o mesmo seja capaz de utilizar diferentes métodos — verificando a adequação e a pertinência; uma vez que estas são bases para que se harmonize o ajustamento do cotidiano do trabalho e os ideais preconizados ao longo do processo de formação.

Para reforçar os pensamentos sobre ética, Marx<sup>59</sup> diz que “é necessidade natural e eterna de efetivar o intercambio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana”.

E que ocorra conciliação desse trabalho necessário em harmonia com as relações éticas profissionais vê-se, no que cita Barroco<sup>60</sup> o papel ativo da consciência no ambiente de trabalho e na *práxis* dos homens em geral, desvelando a falsa ideia de que a materialidade e sua intervenção prática não implicam sua subjetividade. Só podemos falar de trabalho ou *práxis* material quando estamos diante de uma intervenção prática consciente que resulta em um “produto objetivo

---

<sup>56</sup> ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Profissão professor*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995, p. 93–124. (Porto Editora. Coleção Ciência da Educação, v. 3).

<sup>57</sup> ESTEVE, 1995, p. 93–124.

<sup>58</sup> ESTEVE, 1995, p. 93–124.

<sup>59</sup> MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 24. ed. Tradução de SANT'ANNA, Reginaldo. Livro I (o processo de produção do capital), v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 64–65.

<sup>60</sup> BARROCO, 2008, p. 24.

antes inexistente, isto é: quando estamos diante da ação do homem sobre a matéria e da criação — através dela — de nova realidade humanizada”.<sup>61</sup>

Para intensificarmos a ideia de ética e o profissionalismo, busquemos em Machado,<sup>62</sup> o que ele chama de:

Três [...] os ingredientes fundamentais da ideia de profissionalismo. Em primeiro lugar, um profissional exibe uma imprescindível competência técnica. Ninguém é profissional se não é competente do ponto de vista técnico, sem ter estudado um elenco de disciplinas específicas. Ninguém é profissional sem um repertório de ações, sem uma bagagem de conhecimentos. A falta de competência técnica é o primeiro indício da inexistência de profissionalismo, mas a existência da referida competência nem de longe é suficiente para caracterizá-lo [o profissionalismo].

O profissional em educação deve, acima de tudo, professar sua competência técnica, colocá-la a serviço do bem público, assumindo os seus compromissos pessoais e profissionais. Tal comprometimento é o segundo ingrediente da ideia de profissionalismo.

Atuando como presença constante nas falas dos educadores, o ser ético pressupõe uma carga de obrigatoriedade e compromisso de um para com o outro. No contexto escolar, a ética faz-se presente em períodos imensuráveis, uma vez que, está vinculada às relações que se processam entre esses atores. Para Camargo e Fonseca.<sup>63</sup>

Com a ética, instala-se no espaço escolar a necessidade de reconhecimento dos sujeitos enquanto atuantes no seu microuniverso, responsáveis pela problematização das ações e dos saberes instituídos. Para os educadores, a ética é vinculada como norteadora do comportamento dos atores, das ações e atitudes que estes praticam no ambiente escolar permitindo assim, o diálogo constante na intencionalidade [sic] de melhor resolver os problemas educativos.

E um dos últimos ingredientes que compõem a ideia de profissionalismo é a imprescindível autorregulação do exercício profissional. De fato, o próprio compromisso público depende essencialmente de tal autorregulação e, nesse sentido, as associações de classe desempenham um papel fundamental. Segundo o que menciona Machado:<sup>64</sup>

<sup>61</sup> SÁNCHEZ-VÁZQUEZ, 1977, p. 245 *apud* BARROCO, 2008, p. 24.

<sup>62</sup> MACHADO, Nilson J. *Competência e profissionalismo: o lugar da ética*. Salvador: Secretaria Municipal da Educação, 2017. p. 4–5. Disponível em: <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-etica/WEBARTIGOS/competencia%20e%20profissionalismo%20-%20o%20lugar%20da%20etica.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

<sup>63</sup> CAMARGO; FONSECA, 2017, p. 2.

<sup>64</sup> MACHADO, 2017, p. 5–6.

De um verdadeiro profissional, não se pode dizer que suas ações são pautadas exclusivamente pelos ditames das políticas públicas, nem pelos interesses financeiros da empresa privada em que trabalha [...]. Especialmente no que tange a questões de natureza ética, o papel das associações profissionais é muito relevante. Poder-se-ia mesmo dizer que a autoregulação [sic] seria uma contrapartida [sic] necessária para um efetivo compromisso público de uma categoria profissional.

Se na articulação entre o pessoal e o coletivo reside o cerne da ideia de cidadania, é na administração das relações entre o público e o privado que se desenha a ideia de profissionalismo. Um verdadeiro profissional quer trabalhe numa empresa pública, quer trabalhe numa empresa privada, age profissionalmente: não é quem lhe paga o salário que determina seu modo de agir. Um profissional da área de educação não muda seus princípios nem seu modo de agir em situações-limite, em função do pagamento que recebe ou da natureza de seu empregador.

Neste caso, reside, portanto, a distinção fundamental entre a atuação de um profissional e o mero desempenho de uma ocupação de qualquer natureza hierárquica (diretor, técnico pedagógico, auxiliar de secretaria, professor(a), merendeira, servente, vigia, etc.) na existência de princípios reguladores da escola. O que se deve ter em consentimento logo que se inicia o ano letivo, tanto de cunho moral quanto de natureza ética.

A ética e a moral dizem respeito aos valores, às normas de conduta, que expressam valores e que regulam as ações humanas. Na perspectiva moral, o fato é o ponto de partida; é o costume que expressa um valor e que se consolida em uma norma, a ser seguida por todos. No percurso da ética, os valores são o ponto de partida: é um valor que se consubstancia em uma norma para instaurar um fato, para criar um hábito. Em uma escola, a moral se apresenta por meio de regras, normas a serem cumpridas, podendo ser expressas nos regimentos, planos de estudos e projetos políticos pedagógicos da referida instituição educacional. De acordo com Camargo e Fonseca:<sup>65</sup>

A escola ainda é o principal caminho para se discutir questões éticas uma vez que o âmbito escolar está repleto de possibilidades que evidenciam a ética como necessária e capaz de permitir um relacionamento mais amistoso entre os atores educacionais. No entanto, a escola não necessariamente conseguirá responder a todas as questões levantadas quando se trata de ética, nem deverá se considerar fracassada por não conseguir atingir tal objetivo. Pode então, insistir na sua função fomentadora de conhecimento.

---

<sup>65</sup>CAMARGO; FONSECA, 2017, p. 2.

A atuação de um profissional deve se pautar na necessidade de um repertório de valores socialmente acordados e, tendo por base, vários princípios fundadores que ultrapassam em muito a busca do lucro, do benefício pessoal. Em nome de quem, um profissional da educação doa-se em ações, plenas de significação, simbolicamente poderosas, mas em geral, tão distanciadas do poder em sentido político ou econômico? A resposta pode não ser uma simples resposta. Ela deve explicitar os princípios que fundamentam suas ações, mas é absolutamente impossível compreendê-las sem recorrer ao recurso da ética.<sup>66</sup>

Para entender a ética profissional, se faz necessário compreender a complexidade deste fenômeno, pois muitos trabalhadores iniciam sua vida profissional, mesmo que de forma temporária ainda na adolescência, por isso, é importante que a escolha de uma profissão possa se dar de forma optativa, mas as ações provenientes da obrigatoriedade do profissional, são deveres que devem ser cumpridos.

Reafirmando estas ideias, Guimarães,<sup>67</sup> enfatiza que o investir para a formação é o princípio que apresenta possibilidades de melhorias da profissão com significados diferentes, para a profissionalização e profissionalismo docentes, do mesmo modo a possibilidade para ressignificação da sua característica profissional, por isso, a formação profissional deve possuir ênfase nas conquistas de competências e habilidades que estão na prática dentro de uma área, neste caso na educação, incluindo reflexão para ter boas ações.

Dentro do profissionalismo, quando uma pessoa completa nível superior, é incumbida de jurar que fará dentro da sua carreira um comprometimento com a categoria, esse é dado como aspecto moral da ética profissional, sendo vista como um conjunto de regras estabelecidas que devam ser seguidas. Em casos onde o profissional inicia seu exercício antes da conclusão do curso, ou em casos onde ele não obteve um conhecimento científico que decorrendo a sua experiência pela prática, não significa dizer que este indivíduo está fora de assumir a responsabilidade que a sua função determina.

Para analisar as reflexões a cerca do comportamento ético profissional algumas situações cotidianas podem ser analisadas, dentre as quais o profissional poderá se autoavaliar, buscando compreender se suas ações podem ser

---

<sup>66</sup> MACHADO, Nilson J. *Conhecimento e valor*. São Paulo: Moderna, 2004. p. 36.

<sup>67</sup> GUIMARÃES, 2004, p. 27.

consideradas adequadas, se as suas atividades estão contemplando o que a função lhe pede.

É importante dar ênfase nas diversidades das atitudes que não se encontram descritas dentro dos códigos da profissão o que não significa que devem ser desconsideradas por serem atitudes comuns a todos os ramos de atividades que um indivíduo possa exercer, as atitudes cabíveis de serem exercidas, mas que não estão contidas nos códigos das profissões são comportamentos que são adotados em sua maioria, desde a sua infância, o indivíduo aprende no convívio familiar alguns destes aspectos, por isso é relevante recordar que a educação básica de dar dentro da casa, junto com a família e será moldada dentro da escola, onde mais tarde repassará para a sociedade.

Quanto às atitudes mencionadas cabe ditar a generosidade e cooperação no trabalho em equipe, dentre outros aspectos convenientes da mesma natureza. As atividades geralmente são determinadas por um documento, o que não significa dizer que o indivíduo deverá cumprir apenas sua função e que não poderá ajudar um colega de trabalho nas atividades, pois se deve levar em conta que ações que contribuem para o crescimento do trabalho e da instituição, são pautáveis de engrandecimentos em seus seguimentos.

Deve-se também mencionar que muitos processos éticos disciplinares nos conselhos profissionais decorrem pelo desconhecimento, pela negligência, sendo assim, algumas competências técnicas, são apresentadas ao profissional como correspondendo à confiança que é depositada nele durante da sua contratação, na confiabilidade que seu cargo compete, nas quais aprimoramento constante, respeito as pessoas, confidencialidade, privacidade, tolerância, flexibilidade, fidelidade, envolvimento, afetividade, correção de conduta, boas maneiras, relações genuínas com as pessoas, responsabilidade dentre outras.

Além da adoção de um comportamento ético adequado,<sup>68</sup> fala da ética profissional como sendo definida “a reflexão sobre as exigências do profissional em sua relação com o cliente/usuário, com o público, com seus colegas e sua corporação, com os demais profissionais”, entendemos dentro deste contexto que as presentes exigências nos remetem a um conjunto composto de obrigações e direitos

---

<sup>68</sup> DURANDE, 2003, p. 85.

a ser seguido pela ética da profissão, expressamente dentro do código de ética da profissão.

Sousa, (2002) relata que a ética de um homem se inicia por meio do conhecimento de si próprio inicialmente, sobre a relação do homem com a sociedade, ele vive institucionalmente convive por isso, é necessário cumprir acordos e pactos.

No tocante do código de ética, está presente nele, noções de tolerância e respeito da conduta profissional dentro de acordo com cada contexto social. É importante ainda reconhecer que a construção de uma boa imagem pessoal e profissional está relacionada a dois conceitos básicos, sendo dualidade e credibilidade.

A dualidade significa ter imagem, boa ou não, construtiva num processo que não pode ser imposta, pois é alcançada como resultado cumulativo de interações é conjunta por comportamentos, hábitos, posturas, ética, reconhecimento, habilidade e competência. Quanto a credibilidade, esta relacionada com uma boa imagem individual alcançada por meio da confiança ao cliente, perdurando ao longo do tempo, construída a partir da consciência dos resultados, visto na satisfação do próprio cliente.

Mediante a tudo que já foi mencionado sobre ética, compreende-se, portanto, que a escola é um local que está sempre propício para o pleno exercício e aprendizado da ética, com ela, professores(as), alunos(as), e funcionários(as), podem alcançar resultados valorosos e positivos no âmbito educacional transparecido pela significativa melhora do ambiente de trabalho e aprendizado.

Em todo caso, infere-se que se todos agirem de forma ética, a escola funcionários(as) e alunos(as) só terá resultados positivos, os professores e as professoras, podem incluir na sua metodologia conceitos e princípios éticos a ser ensinados para os alunos e alunas que pode ir desde o ambiente de trabalho, família, escola, grupo de amigos entre outros, o professor e a professora podem também esclarecer e cumprir com transparência os métodos utilizados por ele para ensinar e avaliar os alunos e as alunas, esse pode ser considerado um, princípio ético.

Além de ouvir e respeitar as colocações dos alunos e das alunas, buscar qualidade no processo educacional, cumprir com os prazos estabelecidos pela escola sobre documentos diários, avaliações e notas, não apontar as possíveis

dificuldades de um aluno ou aluna perante toda a classe, o ideal seria conversar com ele ou ela em particular, a fim de intermediar com auxílio para superação desse problema, ser justo durante correção e avaliação, não levando em consideração os momentos de birra dos alunos e das alunas, não apontar métodos considerados por ele como errados no qual, é tomado por outro professor e outra professora, acompanharem a proposta educacional e os métodos de avaliação que a escola propõe.

Se comportar sem aparentar exclusão diante dos alunos e das alunas com deficiência física ou transtorno psicológico, deve-se levar em consideração que as crianças e jovens estão de um processo de aprendizagem e por isso, cabe não apenas ensinar à ética, mas também cobrar e saber como cobrar. Não podemos também descartar os princípios que regem muitos dos comportamentos éticos no qual está diretamente associado à família, em especial os pais, pois são eles que devem conduzir o processo inicial de aprendizado dos valores éticos.

Dessa forma a escola irá trabalhar a ética, objetivando qualidade de ensino, dentro da escola o aluno e aluna deverão receber conceitos e princípios éticos baseados no respeito aos professores(as) e funcionários(as) da escola quanto ao seu trabalho, da mesma forma que deverá respeitar o direito de aprender dos colegas. Essas atitudes podem ser observadas mediante a explicação do e da discente, onde o e a docente não irão atrapalhar a aula dos mesmos.

Outro princípio ético que deve ser adotado pelo e pela docente, no qual é extremamente conflituoso colocar a situação a ele ou ela, é a questão de não colar nos trabalhos e nas avaliações, da mesma forma que não é de bom agrado que o aluno e a aluna utilizem trabalhos prontos da internet para entregar para os professores e professoras, nem remunerar terceiros para a construção da sua atividade. Cabe ao aluno e a aluna também, não praticar *bullyng*, além de colaborar por meio de um comportamento agradável, propiciando um ambiente positivo na escola.

Tanto o discente quanto os profissionais agentes em educação devem, com sua prática, priorizar-se de procedimentos facilitadores que utilizem a racionalidade comunicativa e que motivem o educando, principalmente, para propagarem o respeito, o moral e o espírito cooperativo em suas vidas sociais e futuras. Como menciona Barthes: "... o que pode ser opressivo num ensino não é finalmente o saber ou a cultura que ele veicula, são as formas discursivas através das quais ele é

proposto<sup>69</sup>. Formas discursivas hegemônicas, tão de agrado de educadores(as) autoritários(as), em nada contribuem para a perpetuação do caráter de classe da educação burguesa. Por isso, ao profissional crítico só pode haver uma possibilidade de colocar seu trabalho educacional a serviço de uma luta política que supere esta contradição.

---

<sup>69</sup> BARTHES, Roland. *Aula*: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França (pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977). 11. ed. Tradução e posfácio de PERRONE-MOISÉS, Leyla. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2004. p. 43.



### 3 RELAÇÕES HUMANAS INTERPESSOAIS: VISANDO O COMPROMISSO COM O OUTRO

O ser humano começa a ser pessoa quando é capaz de conviver com os outros, rompendo o mundo da identidade infantil em que se move nos primeiros anos de sua vida. Quando se torna capaz de dar e receber em seu relacionamento com os pais, irmãos(ãs) e outras pessoas, a sua responsabilidade vai se definindo. Deixa o egocentrismo para dar lugar ao alterocentrismo.

Todo indivíduo vem de um grupo com necessidades interpessoais específicas e identificadas. Segundo Schultz:<sup>70</sup>

os membros de um grupo não consentem em integrar-se, senão a partir do momento em que certas necessidades fundamentais são satisfeitas pelo grupo. [...] Essas necessidades são interpessoais no sentido de que somente em grupo e pelo grupo podem ser satisfeitas adequadamente (tradução nossa).<sup>71</sup>

Essas necessidades são fundamentais porque todo ser humano que se reúne em um grupo qualquer tem suas experiências, ainda que em graus diversos. Se compartilharmos por outro lado, essas necessidades são interpessoais, no sentido que somente em grupos e pelo grupo podem ser satisfeitas adequadamente.

As relações humanas a cada dia são mais influenciadas pelos meios de comunicação e pela tecnologia. Uma relação frustrante, que segundo Gomes<sup>72</sup> nos conduz a um comportamento antissocial e individualista, não dando importância ao que o meio social onde ele vive traga uma relação de harmonia para sua vida.

Schultz,<sup>73</sup> psicólogo e autor da teoria das necessidades interpessoais, fala que membros de um grupo não cedem para integrar-se caso haja interesse em uma das partes envolvidas e se encerra no momento em que o interessado consegue alcançar seu objetivo. Por outro lado, muitas pessoas se esquecem de que as necessidades de inclusão, controle e afeição são peças-chave para o desenvolvimento do ser social.

---

<sup>70</sup> SCHUTZ, Will C. *Firo: a three dimensional theory of interpersonal behavior*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1958. p. 192

<sup>71</sup> The members of a group do not allow themselves to be integrated, except when certain fundamental needs are met by the group. [...] These needs are interpersonal in the sense that only in group and group can be satisfied adequately.

<sup>72</sup> GOMES, Divino. Prefácio. In: MIRANDA, Simão. *Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários*. 13. ed. Campinas: Papirus, v. 1, 2005. p. 11.

<sup>73</sup> SCHUTZ, 1958, p. 178.

Silva, Paula e Oliveira<sup>74</sup> citam que a escola tem papel fundamental na formação do indivíduo e o compromisso de propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais. Neste contexto, a educação em geral tem a função de possibilitar e de oferecer alternativas para que as pessoas que estejam excluídas do sistema possam ter oportunidades de se reintegrar através da participação, bem como, da luta pelos direitos sociais e o resgate da cidadania. Para isso, é necessário fazer o emprego de uma escola libertadora em que:

[...] todos almejam, deve estar regulada na lógica de um espaço ideal para a construção de uma sociedade sadia, uma escola democrática com formação para a cidadania. Aquela que tem como bandeira o combate á exclusão social e que possa, ao mesmo tempo, trabalhar a relação escola-aluno-família, possibilitando que a comunidade escolar participe de forma assídua a todos os interesses que envolvam o bom andamento do ensino aprendizagem e do sucesso escolar em geral.<sup>75</sup>

Há inúmeras possibilidades de interações interpessoais em um ambiente escolar (entre o aluno e a aluna e seu professor e professora, entre o professor e a professora e seus companheiros(as)). Essas relações podem sofrer influências por uma série de conjunturas, as quais podem comprometer a qualidade das mesmas. Na dinâmica de uma sala de aula, observa-se que alguns alunos(as) são mais aceitos que outros(as), e que geralmente esses são os que demonstram grande número de competências cognitivas e sociais. Isso pode resultar em comportamentos mais amigáveis e afetuosos, além de formas mais eficazes de interação entre os alunos e as alunas. Martinelli e Schiavoni<sup>76</sup> analisam que quando o discente se sente ou se percebe rejeitado ou diminuído, em suas capacidades e qualidades, por seu professor ou professora, ele pode desenvolver um sentimento de inferioridade, o que leva a comprometer também a interação com seus pares.

Ao aplicar numa instituição de ensino a cada parte interessada, faz-se necessário o emprego de estratégias que oportunize inicialmente a relação intrapessoal, o autoconhecimento e a administração dos próprios comportamentos e as atitudes — e que por sua vez, favorecerá a relação interpessoal com todos os e todas envolvidos(as).

---

<sup>74</sup> SILVA, Carliane L.; PAULA, Érika F. T.; OLIVEIRA, Maria L. L. *A imprescindível ação das relações interpessoais no âmbito escolar*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer de Mato Grosso, 2015. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/A-imprescind%C3%ADvel-a%C3%A7%C3%A3o-das-rela%C3%A7%C3%B5es-interpessoais-no-%C3%A2mbito-escolar.aspx>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

<sup>75</sup> SILVA; PAULA; OLIVEIRA, 2015.

<sup>76</sup> MARTINELLI, Selma C.; SCHIAVONI, Andreza. Percepção do aluno sobre sua interação com o professor e status sociométrico. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 327–336, 2009.

Se por sua vez, acontecer da primeira impressão ser errônea do colega e da colega de trabalho, causando-lhe aborrecimentos e certos desconfortos, devemos trazer essa dificuldade como barreira a ser destruída, com a ideia de que devemos rever e modificar os conceitos impostos para nós, justamente com a ideia de dinâmica e sociabilidade e, principalmente, que deixe fluir a normalidade, tirando a convivência forçada que o trabalho nos conduz a fazer todos os dias.

Outro ponto fundamental é a iniciativa tomada de atitudes para tentar conviver melhor com o outro; por mais que parte do grupo não necessite de estar unida, porém quando uma parte, nem que seja pequena, se manifesta para tentar cortar essas barreiras, o restante reflete e tenta, aos poucos, superar esses entraves de relações humanas, nas quais nos afligem no nosso dia a dia, pois “todo ser humano normal deseja ser feliz e bem sucedido”. Esse êxito deve-se, em grande parte, às relações existentes desse ser humano com as outras pessoas, portanto, a sua felicidade depende do tipo de relações que o mesmo constrói com elas. Dessa forma, pode-se inferir que as outras pessoas são o denominador comum entre nossa felicidade e nossa frustração, como enumera Araújo.<sup>77</sup>

Ainda ao acrescentar algumas ideias de Araújo,<sup>78</sup> percebemos que em nossos relacionamentos interpessoais, precisamos da reciprocidade: satisfazer nossas expectativas, ao mesmo tempo, resultando em bem-estar para o outro. Essa reciprocidade há de permanecer intactas no equilíbrio do alvo permanente de nossa busca. O ser humano não possui tudo o que precisa para se bastar, pois todos nós necessitamos de coisas que os outros têm para oferecer, assim como possuímos talentos de grande valor, que podemos compartilhar.

Lück et al.<sup>79</sup> nos relatam que a liderança participativa é uma estratégia empregada para aperfeiçoar a qualidade educacional. Ela se constitui a chave para liberar a riqueza do ser humano que está presa a aspectos burocráticos e limitada dentro do sistema de ensino e a partir de práticas orientadas pelo senso comum ou de hábitos não avaliados. Com base nesse bom senso, a delegação de autoridades que estão envolvidos na realização de serviços educacionais é construída a partir de modelos de liderança compartilhada, que são os padrões de funcionamento de organizações eficazes e com alto grau de desempenho ao redor do mundo.

---

<sup>77</sup> ARAÚJO, 2006, p. 1.

<sup>78</sup> ARAÚJO, 2006, p. 2.

<sup>79</sup> LÜCK, Heloísa; FREITAS, Katia S.; GIRLING, Robert.; KEITH, Sherry. *A escola participativa: o trabalho do gestor escolar*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 35.

Um dos mediadores e das mediadoras desse processo de aproximação, além dos gestores e das gestoras seria o professor e a símbolo de uma classe que lida diretamente com o ser humano: na aquisição de conhecimento, no respeito, na seriedade, no amor, na preocupação, no acalanto com uma palavra amiga, enfim, ele/ela pode proporcionar o ambiente de forma mais agradável através de dinâmica dos grupos que compõem a escala. Destacamos a questão de elevação da autoestima a partir de jogos que mexam com a emoção, insiste na satisfação de trabalhar com pessoas, elogiando o trabalho e levando em consideração palavras de motivação e incentivo. E proporcionar para cada âmbito de trabalho da escola um ânimo a mais. E para que isso ocorra, podemos estar criando 10 mandamentos de um membro de grupo, assim como preconiza Weil e Tompakow:<sup>80</sup>

- Respeitar o próximo como ser humano;
  - Evitar cortar a palavra de quem fala, aguardando sua vez;
  - Controlar suas reações agressivas evitando ser indelicado ou mesmo irônico;
  - Evitar passar por cima de seu superior, quando o fizer, dar uma explicação prévia ou assim quando possível;
  - Procurar conhecer melhor os membros do seu grupo, a fim de compreendê-los e de se adaptar à personalidade de cada um;
  - Evitar assumir a responsabilidade atribuída a outro, a não ser a pedido deste ou em caso de emergência;
  - Procurar a causa das suas antipatias, a fim de vencê-las;
  - Estar sempre sorridente;
  - Procurar definir bem o sentido das palavras no caso de discussões em grupo, para evitar mal-entendidos;
  - Ser modesto nas discussões; pensar que talvez o outro tenha razão ou, ao contrário, procurar compreender as razões que ele expõe;
- Além desses 10, podemos incluir:
- Saiba considerar os sentimentos dos outros. Existem três lados em qualquer controvérsia o seu, o outro e o que está certo;
  - Preocupe-se com a opinião dos outros. Três comportamentos de um verdadeiro líder: ouça, aprenda e saiba elogiar;

---

<sup>80</sup> WEIL; TOMPAKOW, 2008, p. 46.

— Procure apresentar um excelente trabalho. O que realmente vale nessa vida é o que fazemos para os outros.

### **3.1 Relações humanas: um processo de comunicação social na escola entre os agentes da educação**

Entende-se que, embora o professor e a professora sejam o carro-chefe em busca da formação de identidade de um indivíduo, o diretor-gestor também é a peça fundamental para a inovação ou para o desenvolvimento de qualquer inovação pedagógica e principalmente para o sucesso de todas as atividades que são desenvolvidas dentro do ambiente escolar. Para que de fato isso aconteça é necessário que o gestor ou a gestora tenham um perfil ético e uma relação saudável com professores e professoras e demais funcionários e funcionárias da escola. Também é necessário que um(a) líder pedagógico(a) tenha a sutileza no tratamento pessoal com os demais colaboradores(as), conquistando a admiração e cooperação de todos e todas envolvidos(as) no setor educacional.<sup>81</sup> A comunicação é fator primordial no que se refere às relações interpessoais, pois ela é responsável por toda a ação de um indivíduo, agindo assim como uma “faca de dois gumes” e que tem a função tanto de causar mudanças, quanto desavenças. Para isso, é necessário usar sempre de uma linguagem, um diálogo que transmita confiança, controle da situação e principalmente respeito ao outro.<sup>82</sup>

Para Perrone-Moisés,<sup>83</sup> a linguagem

não é só meio de sedução, é o próprio lugar da sedução. Nela, o processo de sedução tem seu começo, meio e fim. As línguas estão carregadas de amavios, de filtros amatórios, que não dependem nem mesmo de uma intenção sedutora do emissor.

Em seguida, o ponto a ser discutido é o fator humano nas organizações que pode ser dividido em três aspectos de acordo com Weil: adaptação do ser humano

---

<sup>81</sup>SILVA; PAULA; OLIVEIRA, 2015.

<sup>82</sup>SILVA; PAULA; OLIVEIRA, 2015.

<sup>83</sup>PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 13.

ao trabalho, adaptação do trabalho ao ser humano, adaptação do ser humano ao ser humano.<sup>84</sup>

A primeira adaptação ocorre quando o ser humano tem um profissional com nível mental superior ao exigido para a profissão, quando o educador e a educadora têm uma formação mais elevada que seu gestor ou sua gestora. O educador ou a educadora contrariam seu gestor ou sua gestora e não consegue ter um bom desenvolvimento profissional e pessoal na sua atuação, devido seu gestor/gestora “chefe” não aceitar suas sugestões, com medo de perder seu cargo ou mesmo por egoísmo. No que diz Fritzen: “falar é um dom e através da palavra é possível descobrir a nobreza de uma pessoa. Prestar a devida atenção e escutar com sabedoria revela [sic] as virtudes daquele que assim procede”.<sup>85</sup>

Por isso, abrangemos, também, a importância da comunicação como veículo de aproximação entre as partes. Ao inserirmos Davis e Newstrom,<sup>86</sup> temos o relato que a “comunicação é a transferência de informação e compreensão de uma pessoa para a outra. É uma forma de atingir os outros com ideias, fatos, pensamentos, sentimentos e valores”. É uma ligação de compartilhamento daquilo que as pessoas sentem e sabem. Através desta ligação, as pessoas podem caminhar com segurança, até mesmo pelos mal-entendidos que muitas vezes nos separam.

“Comunicação é aquilo que o receptor compreendeu e não o que o emissor falou”.<sup>87</sup> A citação anterior mostra a importância de nos comunicarmos com segurança e para que isto exista, aliamos as organizações das instruções das práticas diárias do trabalho. Assim como a cooperação que expressa aos outros/outras as suas necessidades e sentimentos.

Para Davis e Newstrom,<sup>88</sup> quando a comunicação é eficaz, ela:

tende a incentivar melhor o desempenho e satisfação no trabalho. As pessoas compreendem melhor suas tarefas, sentindo-se mais envolvidas com elas. Em alguns casos, elas até sacrificam alguns privilégios adquiridos ao longo do tempo, porque compreendem que o sacrifício é necessário.

Dentre as subtrações impositivas que a comunicação pode gerar, temos as barreiras comunicativas. Isso acontece quando:

<sup>84</sup> WEIL, Pierre. *Manual elementar de psicologia aplicada*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. p. 109.

<sup>85</sup> FRITZEN, Silvino J. *Relações humanas interpessoais: nas convivências grupais e comunitárias*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 35.

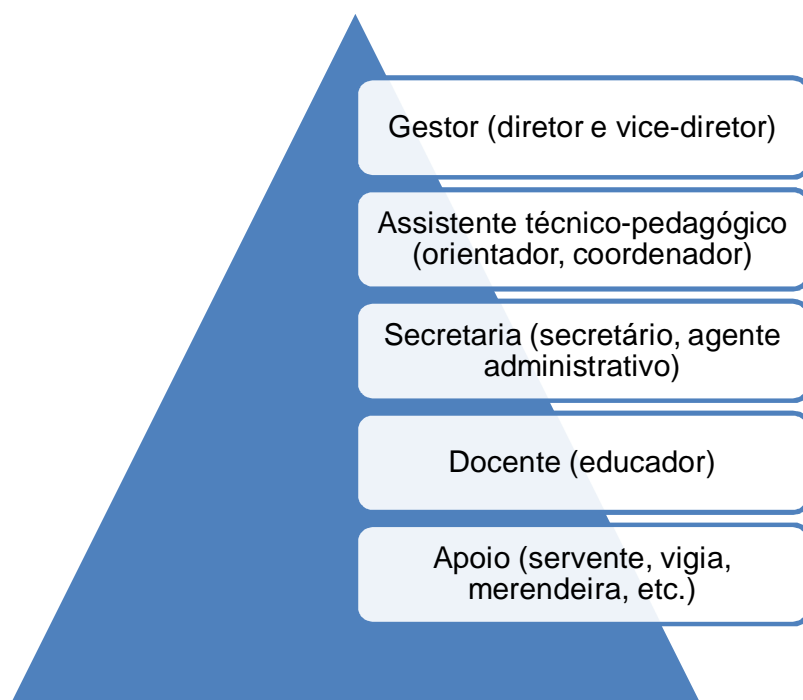
<sup>86</sup> DAVIS; NEWSTROM, 1996, p. 4.

<sup>87</sup> DAVIS; NEWSTROM, 1996, p. 5.

<sup>88</sup> DAVIS; NEWSTROM, 1996, p. 5.

o receptor recebe a mensagem e realmente se esforça para decodificá-la, existe um grande número de interferências que podem limitar sua boa compreensão. Estes obstáculos atuam como *barreiras à comunicação*, podendo impedi-la, por completo, filtrar parte dela ou lhe dar ainda um sentido errôneo. [itálico do autor].<sup>89</sup>

A eficácia da comunicação entre os e as agentes da educação é dada pela escala de hierarquia que cada instituição de ensino possui no seu ambiente de trabalho e para isso, exemplificaremos, a seguir, a forma de como se dá hierarquia da E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” (Figura 1).



**Figura 1** – Esquema hierárquico da Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”

Segundo Mosquera e Stobäus:<sup>90</sup> “grande parte dos problemas que as pessoas têm provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas”. Ter boa relação entre professor(a) e aluno(a) é fundamental para garantir uma vida saudável. Quando as relações entre as pessoas são positivas, forma-se um ambiente motivador, de interação e de troca. As relações interpessoais no ambiente escolar são refletidas diretamente no rendimento do profissional. Ter

<sup>89</sup> DAVIS; NEWSTROM, 1996, p. 9–10.

<sup>90</sup> MOSQUERA, Juan J. M.; STOBÄUS, Claus D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade na educação especial. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). *Educação especial: rumo à educação inclusiva*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 206.

boas relações com o grupo de trabalho, com a direção, funcionários(as) e com os alunos e as alunas, é fundamental para que o trabalho seja completo e para que o ato de ensinar seja prazeroso. Se alguma dessas relações não estiver equilibrada, faltará motivação e o trabalho ficará prejudicado.<sup>91</sup>

Para esses mesmos autores, a dinâmica das relações interpessoais nem sempre é positiva, principalmente entre os professores e as professoras, onde a competitividade e a falta de comunicação prejudica o andamento dos trabalhos. Às vezes, projetos para a melhoria da aprendizagem, da cidadania, deixam de ser realizados por incompatibilidade ideológica entre os diferentes representantes da escola. Muitos colegas se fecham no seu mundo, impedindo o diálogo. Isso é um ponto negativo, pois o convívio agradável, a troca de experiências e a possibilidade de contar com o outro nos momentos de dúvida e busca de possibilidades, acrescenta a educação um caráter mais humanista.<sup>92</sup>

De acordo com Davis e Newstrom<sup>93</sup> existem três tipos de barreiras: pessoal, física e semântica. As barreiras pessoais são interferências que surgem das emoções humanas, dos valores ou de maus hábitos de escuta. Para isso interessamos ouvir e ver aquilo que emocionalmente nos toca profundamente e, por isso, a comunicação não deve se separar da personalidade do ser humano.

Por sua vez, as barreiras físicas são interferências na comunicação que residem no ambiente no qual se dá a informação. E quando existe um barulho, paredes, algo estático, a posição das cadeiras de atendimento do “chefe” e dos funcionários, enfim, são inúmeros meios que proporcionam o afastamento entre os agentes em educação.

E, finalmente, as barreiras semânticas, em que está a ciência do significado, em contraste com a fonética, que é a ciência dos sons. Quase toda a comunicação é simbólica, isto é, efetuada através do uso de símbolos (palavras, quadros e ações) que sugerem certo significado.

Algumas vezes, nos declaramos com palavras, símbolos, gestos que nos sugerem inúmeros significados, ocorrendo na comunicação um mal entendido. Como por exemplo, quando o gestor ou gestora de uma escola chama o funcionário

---

<sup>91</sup> FRESCHI, Elisandra M.; FRESCHI, Márcio. *Relações interpessoais: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar*. REI: Revista de Educação do Ideau, Getúlio Vargas, v. 8, n. 18, p. 2-3, 2013.

<sup>92</sup> FRESCHI; FRESCHI, 2013, p. 3.

<sup>93</sup> DAVIS; NEWSTROM, 1996, p. 9-10.



ou a funcionária e lhe diz: “você está fazendo um trabalho dos diabos”, algo dito, de acordo com o significante que poderia ofender, porém, o significado tornou-se um elogio diante do contexto inserido.

A partir da análise feita anteriormente sobre comunicação formal, destaquemos também a comunicação informal, que menciona as questões de notícias deturpadas que ocasionam desavenças nas relações comportamentais, induzindo para um conflito entre os e as agentes que fazem a educação acontecer.

O “boato” é instável, dinâmico e variável quanto às pessoas. Davis e Newstrom<sup>94</sup> falam que “boato”:

É a expressão da motivação natural que as pessoas têm para se comunicar. Ele é o exercício de sua liberdade de expressão e uma atividade normal e natural. De fato, somente os funcionários totalmente desinteressados em seus ambientes de trabalho não se envolvem em conversas sobre o que se passa [...]

Por exemplo, na escola, onde é encontrado o “boato” como problematização, na maioria das vezes, quanto ao diálogo entre os agentes de educação.

Para que notícias indesejadas não se tornem um aspecto dissociável temos que ter a excelência de nos fundamentarmos de como surgiram os rumores, seja o boato destrutivo ou construtivo. É lógico que a discriminação é o ponto chave para o convívio harmonioso. Automaticamente o gestor ou a gestora e os funcionários e as funcionárias devem ficar atentos para que não haja ruptura no desenvolvimento do trabalho. Citemos, para ilustrar como se arrolam os boatos, a “Ária de Difamação de Dom Basílio” da ópera “O Barbeiro de Sevilha”, conforme cita Davis e Newstrom:<sup>95</sup>

Comece um rumor, uma mera invenção.  
 Alguma história que você goste de citar.  
 Comece a circulá-lo de leve,  
 Tão docilmente, tão superficialmente.  
 Logo ele circula por si mesmo.  
 Você já ouviu? A maioria assustada... Imagine! Absolutamente encantador...  
 Uma vez que nasceu, cada rumor inútil segue crescendo como um tumor.  
 Ninguém sabe onde começou, mas está ansioso para repetir, para divulgá-lo.  
 E, a cada repetição ele recebe uma nova adição.  
 É verdade ou ficção? Ninguém sabe e nem se importa.  
 Não existe quem o segue, ninguém liga, nem o desafia.  
 Subitamente, ele brota como uma flor e começa a ganhar força.  
 Agora, a tempestade distante torna-se próxima crescendo com mais insistência,  
 Retumbando alto até atingir toda a sua violência.  
 Com um súbito relâmpago, agora os céus estão rachados em pedaços.

<sup>94</sup>DAVIS; NEWSTROM, 1996, p. 18.

<sup>95</sup>DAVIS; NEWSTROM, 1996, p. 18.

Com um terrível estrondo de trovão e o rumor cresce e engorda, sem motivo, sem rima.  
Não existe uma acusação formal apenas uma imitação sussurrada.  
Porém, as pessoas estão convencidas de que ele cometeu cada crime.  
Ele não pode dar uma explicação, sequer, para arruinarem sua reputação,  
mas o mundo foi incitado e irá condená-lo a todo o momento.

No que tange o aspecto julgador, há uma grande diferença entre julgar uma pessoa e uma ação. Como, por exemplo, se vejo um(a) profissional em educação ministrando um conteúdo de forma inadequada, posso julgar que essa ação está desconectada, mas não posso julgar o profissional em si, pois não é minha tarefa. Porque temos que conhecer para compreender, sendo “mais tolerante quando, um dia ou outro, se mostram diferentes do costume. Nunca devemos esquecer que a vida dos nossos colegas, como a nossa, também não se limita só ao trabalho”.<sup>96</sup>

O ambiente físico de trabalho, a escola, salas de aula, recursos metodológicos de qualidade, como projetos de motivação, inclusão digital e educação inclusiva, fazem com que o profissional de educação se motive a trabalhar com afinco, dedicação, além de ser motivado a dar uma boa aula. Por sua vez, a escola mal estruturada deprime e provoca diminuição no processo ensino-aprendizagem e na socialização do ser humano ao trabalho. Segundo Leon Walter *apud* Weil e Tompakow<sup>97</sup> que fez “conseguir aumentar o rendimento na Suíça, simplesmente colocando o operário à vontade em uma cadeira, na qual às costas têm o seu devido apoio, diminuindo assim, desgaste de energia”.

Assim como Walter solucionou o problema de adaptação no trabalho com ações simples, também na escola, pode-se melhorar o rendimento trabalhista, com a finalidade de dar condições propícias, como a inserção de cadeiras confortáveis, a diminuição na carga horária diária, o revezamento do pessoal de apoio, mesmo para as refeições no recreio, a ventilação ou a climatização nas salas.

A terceira, finalmente, adaptação “ser humano ao ser humano” acontece quando “as coisas não andam”, porque ainda não foi criado dentro de uma escola, um ambiente de trabalho feito de confiança mútua e de respeito humano. Os trabalhadores e as trabalhadoras em educação recebem ordens secas a serem cumpridas sem a mínima explicação e satisfação. Em virtude disso, sabe-se que hoje uma pessoa que faz uma coisa ciente da importância de seu trabalho e de seu respectivo valor produz muito mais do que uma pessoa da qual se pede

---

<sup>96</sup> WEIL; TOMPAKOW, 2008, p. 7.

<sup>97</sup> WEIL; TOMPAKOW, 2008, p. 8.

simplesmente obediência. Destacamos aqui, a frase do político norte-americano e membro do Partido Democrata Jesse Louis Jackson Jr. *apud* Caroselli<sup>98</sup> em que afirma o seguinte: “o trabalho de um líder é manter uma esperança viva. Valoriza a diversidade. Explore as possibilidades trabalhe para melhorar o futuro”.

Nesse sentido, a formação continuada é a que se dá ao longo da vida, aplica-se a todas as pessoas, com motivações e objetivos dos mais diversos, tais como: ampliar ou aperfeiçoar conhecimentos; aprimorar formações ligadas à vida profissional; ampliar o senso ético e estético; desenvolver competências relacionadas à vida profissional e pessoal, etc. Ela pode ocorrer em diferentes espaços, em várias modalidades e servindo-se de meios variados. É preciso estar atento a esse entendimento de formação continuada para perceber as oportunidades de aprendizado que os profissionais têm para interagir com os outros.

Cada um aprende de forma diferente e na interação com o outro, em qualquer etapa da vida. A construção de novos conhecimentos é influenciada pela experiência de vida. Mas a aprendizagem é um processo contínuo e particular para cada pessoa. Cada formação oferece um amplo leque de possibilidades para que os profissionais percebam o que precisam aprender. O tempo é escasso e os objetivos são amplos. Esse formato de formação favorece o diálogo e a participação ativa dos profissionais na construção do conhecimento.

O objetivo não é ensinar conceitos prontos aos profissionais, nem a apresentação de definições para serem reproduzidas por eles, em um processo de construção, são os próprios profissionais que formam seus conceitos ou atribuem novos significados a eles. O processo de construção de novos conceitos ou de atribuição de novos significados pode, também, servir de base para o desenvolvimento de competências. Quando internalizado, o conceito transforma-se em conhecimento, um dos vértices do tripé que constitui a competência. Os outros dois vértices que constituem o tripé da competência são a habilidade e a atitude.

A revolução científica, o mercado de trabalho mudou radicalmente a maneira como as empresas funcionavam. Com o advento das concorrências, e a conseqüente divisão do trabalho, as pessoas passaram a realizar tarefas fracionadas, repetitivas e pouco motivadoras. Além disso, surgiram com mais intensidade os problemas relacionados às doenças ocupacionais (doenças

---

<sup>98</sup> CAROSELLI, Marlene. *Relações pessoais no trabalho*. Tradução de LEAL, Martha M. São Paulo: Cengage Learning, 2009. p. 10. (Cengage Learning. Coleção Série Profissional).

adquiridas no ambiente de trabalho). Hoje em dia, o paradigma da produtividade e o currículo estão sendo reavaliado pelas empresas e pessoas. As organizações estão chegando à conclusão de que, para atingirem seus objetivos, elas precisam de pessoas motivadas, capacitadas e flexíveis e de uma boa relação com os colegas de profissões. Em virtude disso, criar um ambiente adequado para que os possam interagir de forma a se sentirem bem no trabalho, no relacionamento com os seus superiores e na sua vida pessoal é um imperativo para as organizações atuais.

#### **4 ETIQUETA DO COMPORTAMENTO: AS ATITUDES TRANSPARECEM A IMAGEM DO INDIVÍDUO**

Para compreender o comportamento dos indivíduos dentro da etiqueta, buscou-se primeiro analisar a era na qual vivemos que tem sentido novo, do individualismo, do espetáculo, do hedonismo de massa, dos fluxos velozes de informação, da sagração, da autonomia individual e da exacerbação do consumo,<sup>99</sup> nesse sentido tais aspectos comprometem o discurso da subjetividade do indivíduo, no qual por conta de tais aspectos provocou a necessidade de realizar pesquisas sobre os códigos de etiqueta na sociedade atual.

Almejando compreender o fenômeno que alimenta a etiqueta nos faz questionar se essas ações têm fundamentalidade em certo prazer individual, pois as regras dos jogos sociais, os códigos, os comportamentos levam o indivíduo a adotar condutas, hábitos, estilos e modos de vida que possam abranger os aspectos dentro da etiqueta.

Além disso, compreende-se que o indivíduo ao adotar o manual de etiqueta conforme as regras da sociedade sentem certo prazer individual, pois seu comportamento poderá ser classificado como apresentação de códigos de convivência dos códigos da aceitação de pessoas do não “errar”.

Considerando estes eventos, são pensados em três questões centrais, que são: o modelo típico ideal de corpo magro e saudável, os padrões intuitivos de apresentação pessoal, comportamento e convivência. A pessoa adota essas três regras levando em consideração que uma pessoa obesa transparece falta de hábitos educacionais alimentares, além de que por exigir um espaço maior, ela acaba também sendo vista como mal educada.

Quanto aos padrões de apresentação pessoal, fica a ideologia de que a primeira impressão é a que fica, por isso, se tem essa preocupação de suprir a necessidade diante do código de etiqueta que a sociedade apresenta. Do mesmo modo o comportamento e a convivência, se comportar de acordo com o local onde se encontrar, como agir? Como olhar para as pessoas? Qual a melhor pose me apresentar melhor? Tudo em busca de uma convivência adequada dentro da etiqueta.

---

<sup>99</sup> FEATHERSTONI, 1990.  
LIPOVETSKY 2004, 2005, 2007, 2009.

Elias menciona os manuais de etiqueta “o padrão de hábitos e comportamentos a que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo”.<sup>100</sup> Os códigos de etiqueta também são transparecidos diante da forma como o indivíduo se veste.

Assim, a etiqueta pode ser vista também como um conjunto de procedimentos usados para dar rumo aos indivíduos com o intuito de organizá-los com regras e condutas, para Elias:

O controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal, instintivas e afetivas por autocontrole que se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada.<sup>101</sup>

Para Weber, também declara seu pensamento sobre tais códigos, “a disciplina racional, surge diminuindo a importância da ação individual; ela coloca o hábito a habilidade rotineira”.<sup>102</sup>

O pensamento de Weber é visto como condicionante e uniformizador: “Em uma exigência para ser modelo de renome é cuidar do corpo, não se admite que o modelo engorde, ou tenha seu corpo em desacordo com a estética facial”.<sup>103</sup>

Sendo assim, quando falamos em etiqueta, imaginamos que ela está completamente relacionada ao modo como uma pessoa se comporta para um jantar, por exemplo, que ao seu redor estarão copos e talheres com um jantar difícil de ser comido. Dessa forma, a etiqueta vai a muito além das regras difíceis de serem seguidas num dado jantar por exemplo. “Qualquer que seja aplicação da etiqueta, o correto será interpretá-la a cada capítulo da ética, que é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”.<sup>104</sup>

A etiqueta está diretamente relacionada com as normas de convivência social, de respeito mútuo da relação saudável de cordialidade, sendo formalização de condutas para uma relação pacífica, saudável e cívica na sociedade. “Dentro do ambiente profissional, a etiqueta está presente na relação da criação de um ambiente com diminuição de atritos, vista como modos de falar, agir, vestir que

---

<sup>100</sup> ELIAS, 1994, p. 95.

<sup>101</sup> ELIAS, 1993, p. 194.

<sup>102</sup> WEBER, 1982, p. 294.

<sup>103</sup> WEBER, 1982, p. 294.

<sup>104</sup> FREITAS, 2002, p. 51.

segundo Martinez,<sup>105</sup> "por favor" e "obrigada", são demonstrações que existe ética e etiqueta.

Para complementar o trabalho desenvolvido, iremos acrescentar a etiqueta comportamental no intuito de fecharmos o triângulo de ligação que a ação do indivíduo ao executar qualquer prática profissional especialmente no que diz respeito aos agentes da educação.

#### **4.1 O conceito de etiqueta e a influência dela no exercício da prática dos agentes em educação**

Para destacarmos a definição de etiqueta como Araújo<sup>106</sup> que menciona ser "um conjunto de pressupostos, consagrados pelos vários grupos sociais, que buscam a sobrevivência harmônica e o entendimento entre as pessoas. É código do bem viver. É o direcionamento das atitudes visando o bem comum".

Para Srour,<sup>107</sup> pode-se inferir que os códigos jurídicos categorizam as condutas em termos do que é permitido (autorizado) e do que é proibido (vedado), enquanto que os códigos morais fazem referência às condutas em termos do que é certo (esperado) e do que é errado (inaceitável). Acrescentando mais informações a essa conceituação, a legalidade sanciona os agentes por coação (punição), Por saí vez, a moralidade os sanciona por censura (constrangimento moral). Srour ainda enumera que "diferentes, ainda, são os códigos de boas maneiras — a etiqueta social da boa educação —, já que estabelecem as condutas convenientes e as inconvenientes, apropriadas e inapropriadas, oportunas e inoportunas"<sup>108</sup> e finaliza o seu pensamento com a seguinte assertiva: "não cabe tampouco confundir moral e deferências, moral e deferências, moral e protocolos adotados em ocasiões formais".<sup>109</sup>

Diferentemente do que muita gente pensa, as regras de etiqueta não são privilégios da alta classe social; qualquer pessoa pode aprendê-las e fazer delas uma ferramenta a seu favor. É importante considerar que nesse mundo altamente competitivo, a pessoa que cultivar os bons modos tem mais chances de ascensão

---

<sup>105</sup> MARTINEZ, 2006, p. 10.

<sup>106</sup> ARAÚJO, 2006, p. 1.

<sup>107</sup> SROUR, Robert H. A ética nas organizações. In: \_\_\_\_\_. *Poder, cultura e ética nas organizações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 237.

<sup>108</sup> SROUR, 2012, p. 237.

<sup>109</sup> SROUR, 2012, p. 237.

pessoal e profissional do que aquelas que não buscam seu próprio desenvolvimento pessoal.

Pode-se, também, dizer que a etiqueta é um conjunto de regras cerimoniosas de trato entre as pessoas e que são estabelecidas a partir do bom gosto e que precisa ser conhecida e desenvolvida como algo de interação positiva no que diz respeito à boa educação do cotidiano. Não menos no trabalho, é a peça-chave no convívio social que se perde devido à banalização dos trajes, a receptividade da clientela, no caso dos alunos; e, entre os agentes da educação, da linguagem, do aspecto profissional que não gerem constrangimento aos demais, como, por exemplo, guardar um segredo, da imagem da gestão democrática e do autoritarismo.

A etiqueta, hoje, como diz Guirao<sup>110</sup> “é associada à qualidade dos relacionamentos, à criação e à manutenção de uma imagem de profissionalismo (...), pois para se ter uma carreira bem sucedida, é preciso cada vez mais saber tratar as pessoas com respeito, consideração e cordialidade,(...)”.

O verdadeiro sentido da etiqueta é cultural, porém, quando se aprende etiqueta, muitas pessoas repelem essa ideia, dizendo acreditar que é pura formalidade e nunca fará parte de suas vidas, principalmente na do profissional de educação.

Segundo Alihan, para a etiqueta:

A imagem da carreira deve ser feita sob medida a fim de satisfazer aos padrões da empresa. O profissional tem a responsabilidade de apresentar uma fachada que será um crédito tanto para a organização quanto para ele próprio. Como membro da organização, torna-se entendido nas regras de etiqueta empresarial, e tacitamente concorda em colocá-las em prática.<sup>111</sup>

A resistência com relação ao comportamento condiciona que o homem não mude e se acomode. Para isso

é importante que compreenda que não terá de mudar seu temperamento, mas apenas aprimorar o modo de ver as coisas, ou seja, adequar-se aos princípios de etiqueta para reduzir expressões temperamentais — seja na intensidade ou na duração.<sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> GUIRAO, 2008, p. 19.

<sup>111</sup> ALIHAN, Milla. *Manual do executivo jovem: comportamento para o sucesso*. São Paulo: Brasiliense, 1971. p. 16.

<sup>112</sup> GUIRAO, 2008, p. 34.



## 4.2 Atitudes e qualidades que farão a diferença

Ao praticar as boas maneiras no cotidiano profissional na área da educação é necessário incorporar de forma natural e espontânea a cortesia, a simpatia e a naturalidade, pois ser verdadeiro “é pensar no outro antes de pensar em você mesmo”.<sup>113</sup>

Não devemos esquecer-nos da autoestima, pois apesar de termos um comportamento instável por causa de nossas inseguranças e expectativas em relação às outras pessoas, devemos fortalecê-la, porque ela nos traz segurança e opiniões valorosas em nossas ações.

Saber ouvir é a verdadeira educação, apesar de já sabermos do que se trata o respeito ao espaço e ao tempo de fala, assim como, as atitudes das pessoas que são fundamentais nas relações humanas, lembrando-se que “a consideração ao próximo é uma extensão da que temos por nós mesmos”.<sup>114</sup>

A **integridade** é a verdadeira autenticidade de si mesmo. A pessoa integrada dá vazão à verdade, ao fato que está correto, não liga para “boatos”, cujo assunto fora mencionado no capítulo 2, que neste caso, são duvidosos. Diante disso, ele inspira confiança dos outros que, conseqüentemente, terão um amigo e confidente ao seu lado.

O profissional em educação deve estar disponível para admitir e assumir seus erros. Em vez de considerar-se incorrigível e infalível, principalmente nas atitudes e consciência do gestor da escola. Deve-se estar pronto para lidar com situações de correção.

A **flexibilidade** é a capacidade de acompanhar as mudanças de acordo com adequação de cada situação, por exemplo, a adaptação do calendário escolar de acordo com a cultura local, pois cada região tem suas discrepâncias sociais. Outro exemplo é a questão do planejamento do ano letivo, que fica flexível, dando oportunidades aos agentes da educação.

No contexto das relações humanas, a criatividade do profissional consiste em descobrir do que é capaz, além de prestar a promoção e o processo de seus serviços aos outros e a comunidade.

---

<sup>113</sup> PALMEIRA, Roberto. *Etiqueta empresarial e marketing pessoal*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014. p. 2.

<sup>114</sup> GUIRAO, 2008, p. 37.

Diante de tudo isso, destacamos a humildade como desenvolvimento propulsor no que diz respeito ao trabalho profissional na consciência de que precisamos dos outros para efetivar com êxito nossas funções.

Ser gentil mostra que temos consideração com nossos colegas de trabalho e pelo nosso trabalho, por isso, devemos ter atos simples, com as expressões que utilizamos no dia-a-dia, destacando, o ato de dizer “bom dia”, “por favor”, “obrigado”, “parabéns”, “felicitações”. Isso ocasiona um ambiente agradável e propício ao agente da educação.

A **cooperatividade** ajuda na utilidade e é uma preciosa arma de relações interpessoais. Quando oferecemos cooperação, não esperamos retorno, pois o retorno só será feito a partir do acúmulo de boas ações que nos ajudarão quando também precisamos.

A linguagem deve ter o intuito de educar, por isso, o tom de voz, as gírias, os jargões, o falar apressadamente são atitudes que devem assumir uma sintonia e um equilíbrio.

E, por fim, nas condições vigentes do mundo atual, o profissional que não quer correr o risco de ficar desempregado, precisa, cada vez mais, se conscientizar e atualizar-se tanto em sua área de conhecimento ou de atuação quanto em sua atitude comportamental. É preciso haver domínio do seu trabalho e ir um pouco além de sua profissão, como conhecer e dominar línguas, assuntos gerais, adquirir cultura e outras formas de estarem em sintonia com o que acontece ao seu redor.

O importante, para a ética, as relações humanas e a etiqueta aqui abordadas é ter ânimo, coragem e determinação; dizemos que o mais importante para uma pessoa não é se deixar vencer pela frustração, pelo pessimismo do dia-a-dia do trabalho e sim, ter, principalmente “*Mens sana in corpore sano*”. Ou seja: saúde do corpo, da alma e do espírito!

## 5 ANÁLISE DOS DADOS DE PESQUISA DE CAMPO COM OS AGENTES DE EDUCAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL “PROFESSORA ANA PINHEIRO DE OLIVEIRA”

### 5.1 Contextualizando o *locus* da pesquisa

A Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” (Figura 2) foi construída com recursos do Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância) do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e há mais de três anos (a escola foi inaugurada em 07 de junho de 2013) vem educando crianças do período pré-escolar (etapa de desenvolvimento: comunicação falada e alfabetização), com as séries: maternal I (crianças de 2 anos a 2 anos e 11 meses de idade; proporção de 3 crianças por discente), II (crianças de 3 anos a 3 anos e 11 meses de idade; proporção de 3 crianças por discente) e III ou pré I (crianças de 4 anos a 4 anos e 11 meses de idade; proporção de 15 crianças por discente)<sup>115</sup> e pré II (crianças de 5 anos a 5 anos e 11 meses de idade; proporção de 15 crianças por discente), que também são chamados de pré-alfabetização. Na escola, há turmas do pré I e II.

A escola está situada na sede do Município de Primavera (Estado do Pará), no bairro periférico da cidade, chamado de Leitelândia, próximo a Escola Municipal de Ensino Fundamental “Manoel Antonio Leite”. Está registrada no Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira”) através do nº 15161960.

Atualmente, a instituição tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança a partir de 02 anos a 05 anos e 11 meses de idade, visando um trabalho voltado à socialização da criança, ao cuidar e ao educar de forma simultânea, com a finalidade de priorizar todos os aspectos, desde o físico, o psicológico, o intelectual ao social, e ainda complementando-se com a ação familiar e comunidade, conforme o que preconiza, em sua essência, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB),<sup>116</sup> mas

---

<sup>115</sup> O maternal III equivale ao jardim I e II. Neste caso, o jardim I é direcionado para crianças de 4 anos e o jardim II, para crianças de 5 anos.

<sup>116</sup> BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil – Imprensa Nacional*, Brasília, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833–27841.

especificamente em seu artigo 29.<sup>117</sup> Nesse sentido, a escola tem como princípio compreender a infância e reconhecer a criança, numa perspectiva de educação para a cidadania que reflita na qualidade de formação do ser humano que interage ativamente com o meio em que vive.<sup>118</sup>

A enturmação dos discentes se dá de maneira dinâmica. Além disso, ela é assegurada no planejamento, tanto institucional, quanto do grupo de professores e professoras. A enturmação considera a criança e seu tempo de formação, com coerência nos espaços físicos e recursos institucionais e com os aspectos da prática pedagógica. A mesma é flexível às faixas etárias, às atividades e possibilita interações diversas.<sup>119</sup>



**Figura 2** – Foto de maio de 2017 mostrando a frente da Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”

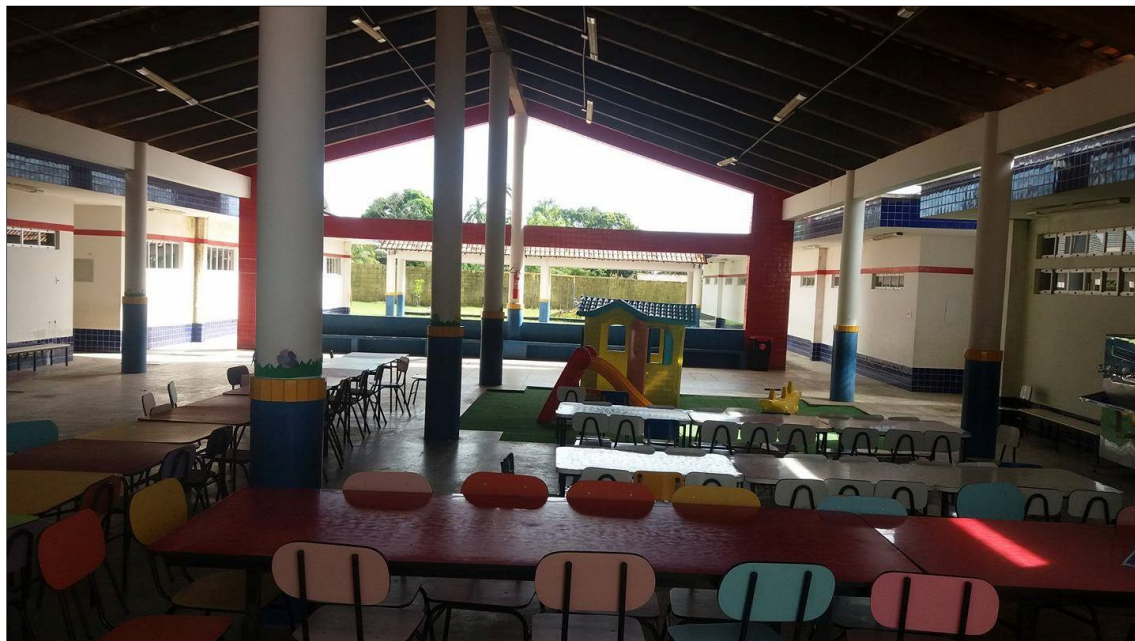
O regime de funcionamento da E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” são dois (02) turnos: matutino e vespertino para atender uma demanda total

<sup>117</sup> Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 [BRASIL. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. *Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil – Imprensa Nacional*, Brasília, 5 abr. 2013. Seção 1, p. 1.]).

<sup>118</sup> PRIMAVERA. Secretária Municipal de Educação. *Proposta pedagógica “Cuidar, educar e o brincar: revelando concepções e o fazer pedagógico no cotidiano da educação infantil”*. Primavera: Prefeitura Municipal de Primavera, 2016. p. 9.

<sup>119</sup> PRIMAVERA, 2016, p. 11.

de 330 crianças. A estrutura física é de uma sala de diretoria, nove salas de aula, duas salas de maternal com banheiro dentro, uma sala de multiuso, uma cozinha, uma sala de administração (secretaria), uma sala de professores, uma sala de informática, um almoxarifado, uma lavanderia, um anfiteatro, um pátio (Figura 3), dois banheiros na administração, dois banheiros no bloco da copa, dois banheiros infantis externos (sendo um feminino e um masculino), dois banheiros para deficientes, dois depósitos de alimentos, um depósito de material de limpeza, um depósito de roupas, dois depósitos extras e um lactário.<sup>120</sup>



**Figura 3** – Foto de maio de 2017 mostrando o pátio de refeição e de recreação das crianças da Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”

No ano de 2017, a escola apresenta um quadro de 34 funcionários, sendo 15 de apoio (quatro vigias, quatro serventes, duas cozinheiras, um auxiliar administrativo, um porteiro e três auxiliares de pátio ou de turma — “cuidadoras”), uma coordenadora pedagógica, 18 professores, sendo quatro do maternal I, oito do maternal II e seis do maternal III, além de uma diretora. Todos os profissionais da área de educação foram nomeados pela Secretaria Municipal de Educação de Primavera.

<sup>120</sup> PRIMAVERA, 2016, p. 8.

Como a escola tem poucos anos de plena atividade educacional, a mesma ainda conta com uma boa estrutura física. Atualmente estão matriculados 253 alunos.<sup>121</sup>

Quanto à formação, a maioria dos discentes tem a licenciatura plena em Pedagogia ou áreas afins, porém, na escola tem professores(as) com licenciatura plena em outras áreas do conhecimento (Biologia, Letras, etc.). O corpo docente constitui de professores(as) concursados(as) e temporários(as) (aqueles(as) contratados(as) por tempo determinado para atender à necessidade temporária de excepcional interesse público). O pessoal de apoio (serventes, vigias, merendeiras, auxiliares administrativos, etc.) constitui-se de concursados(as) e temporários(as).

De acordo com o projeto político-pedagógico (PPP),<sup>122</sup> a filosofia da mesma é a de formar cidadãos e cidadãs na ação conjunta e participativa entre corpo docente, discente e comunidade, onde todos e todas possam buscar constantes conhecimentos para só assim desenvolver suas habilidades em sua comunidade.

A E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” assume uma postura, partindo do princípio pedagógico educacional, no qual a mesma tem o papel fundamental na formação do discente e, em particular, ela assume o compromisso de trabalhar a interação social, intelectual e psíquico no atendimento direcionado a todas as camadas sociais. A escola busca estratégias para tornar o atendimento igualitário, sem distinção. Nessa perspectiva, a E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” está em constante busca de melhoria para que os seus profissionais sintam-se seguros ao compartilhar seus conhecimentos, englobando a clientela atendida no estabelecimento de ensino.<sup>123</sup>

## 5.2 Procedimentos metodológicos

Realizamos uma pesquisa de campo na E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” centrada nos pressupostos de uma abordagem quanti-qualitativa, pois verificamos ser um procedimento metodológico adequado para observarmos *in loco* as contradições existentes nas ações e representações dos agentes de educação

---

<sup>121</sup> Dados levantados na secretaria da escola.

<sup>122</sup> PRIMAVERA. Secretária Municipal de Educação. *Projeto político-pedagógico da Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”*. Primavera: Prefeitura Municipal de Primavera, 2015. p. 18.

<sup>123</sup> PRIMAVERA, 2015, p. 19.

quando se trata de “**ética e etiqueta nas relações humanas**: uma interação sociocultural e comportamental entre os agentes da educação (escola e trabalho)” como mecanismo de uma aprendizagem mais significativa e prazerosa. Além disso, busquei também uma pesquisa bibliográfica e subsídios necessários para repensarmos essas práticas e ao mesmo tempo nos dar suporte para a construção de novas teorias sobre ética, etiqueta e relações humanas.

Para fundamentarmos nossa pesquisa, norteamos nossos estudos bibliográficos em autores como: Friedrich W. Nietzsche, Marlene Caroselli, Gabriel B. I. Chalita, Maria A. A. Araújo, Keith Davis e John W. Newstrom, Maria E. F. Guirao, Pierre Weil e Roland Tompakow. Nesses autores, buscamos compreender novos conceitos sobre ética, etiqueta e relações humanas para que, posteriormente, a partir dos resultados obtidos com os dados empíricos decorrentes da pesquisa de campo, pudéssemos relacionar a prática vivenciada entre os agentes da educação.

Na pesquisa de campo, utilizamos como instrumento de coleta de dados, questionários impressos de perguntas abertas<sup>124</sup> que foram distribuídos para os agentes de educação e trabalhadores da referida escola, com perguntas subjetivas para dois professores do maternal I, dois educadores do maternal II e dois professores do maternal III, um técnico pedagógico, dois vigias, um jardineiro, duas “cuidadoras”, uma merendeira, três alunos<sup>125</sup> e para a diretora.

### **5.3 Tabulando e analisando os dados**

A seguir serão demonstrados como os dados foram tabulados e analisados à luz dos referenciais teóricos.

---

<sup>124</sup> O questionário encontra-se no apêndice desta dissertação acadêmica (Apêndice I).

<sup>125</sup> Aos alunos, foram feitas perguntas diretas e anotadas no questionário, respeitando a idade e a compreensão dos mesmos quanto ao tema em estudo.

### 5.3.1 Percebendo a visão dos agentes de educação sobre ética na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”

Na E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” percebe-se que já está tendo um olhar diferenciado sobre ética, etiqueta e relações humanas. Gomes<sup>126</sup> relata que

atualmente podemos destacar duas funções na aplicação da técnica. Uma se refere à verificação de hipóteses e/ou questões. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado.

A afirmação diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. A análise proporciona um olhar atento para os dados coletados. A influência da ética na E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” foi identificada nas falas dos entrevistados quanto às situações ligadas ao convívio social entre os agentes de educação.

Segundo o que relata G. O. B, 26 anos, técnica pedagógica da escola, a mesma diz que “a ética é importante, porém, não é o que você vê na escola, pois ela presencia momentos insignificantes para a vida profissional de cada agente que faz a educação”. Apesar de não haver ética profissional na escola, segundo o que diz a professora, devemos destacar que a cada momento em que se respeitam os valores da ética, temos “concretização das potencialidades mais elevadas do espírito humano,...”. O auxiliar administrativo S. M. S., 22 anos, conceitua que a ética “é conseguir resolver os conflitos escolares de qualquer natureza, sem constranger as partes envolvidas”. J. N. S, 35 anos, professora do maternal II, cita que a ética “é conseguir resolver os conflitos e não sair contando pelos corredores para [os] demais profissionais escolares”.

Chalita<sup>127</sup> enumera que isso é o devemos considerar, proporcionando a cada agente de educação o acesso à ética. A partir de reuniões, de formações continuadas e palestras motivadoras, podemos então inserir a excelência intelectual quanto à ética.

---

<sup>126</sup> GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 74.

<sup>127</sup> CHALITA, 2009, p. 62.



A mesma opinião foi formada pelo professor A.C. S., 35 anos, educador do maternal III na referida escola e no ensino médio da rede estadual de ensino, quando acrescenta que a ética não tem influência no cotidiano dos funcionários e das funcionárias, pois, pelo fato dele estar na escola por simples preenchimento do quadro de funcionários, como o mesmo se sente, não ajuda em nada para o diagnóstico da existência da ética na escola. O mesmo diz que a “ética se preocupa com o bem da comunidade e de cada pessoa, porque não é possível falar de uma comunidade feliz sem que ela seja composta de indivíduos que vivem bem consigo mesmo e com o próximo”.

O jardineiro B. S. C., 26 anos, cita que a ética “é você guardar segredos do seu próximo. Não sair falando das coisas de dentro da escola.” O mesmo vê a ética na escola de forma harmoniosa. Chalita<sup>128</sup> afirma ainda que o indivíduo tem que compartilhar tudo na vida: os fracassos, os projetos, os sonhos, por isso, precisamos de amigos. E, é esses amigos também são aqueles que trabalham conosco, pois os agentes de educação fazem valer suas ações, planejamentos para o futuro do nosso país.

### 5.3.2 *Percebendo a visão dos agentes de educação sobre a moral na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”*

Para que aconteça a ética, o profissional tem de relacionar o trabalho e a sociabilidade.

Neste caso, Marx<sup>129</sup> diz que “... o trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem — quaisquer que sejam as formas de sociedade —, é necessidade natural...” e a sociabilidade ou socialidade que segundo Markus,<sup>130</sup> “é um traço essencial do indivíduo *inteiro* e penetra em todas as formas de sua atividade vital [tradução e grifo nosso]” para então conseguir centrar nas atividades de produção em busca da interação socioeducacional.

Para falarmos de ética dentro do relacionamento interpessoal temos que falar de moral. No que diz o jardineiro S. C., 26 anos: “um ser moral é aquele que dá

<sup>128</sup> CHALITA, 2009, p. 173.

<sup>129</sup> MARX, 2006, p. 64–65.

<sup>130</sup> MÁRKUS, György. *Marxismo y “antropología”*. Barcelona: Grijalbo, 1973. p. 30. (Grijalbo. Colección Hipótesis, n. 5).

bons exemplos, infelizmente a maioria dos funcionários e funcionárias da escola não são cumpridores de seus deveres. O referido profissional em educação observa a falta que a moral faz dentro do ambiente escolar.” Para ele, a moral ainda “parte de um princípio que a maioria não tem. Quando alguém faz algo direito dentro das normas, isso é moral”.

De acordo com o auxiliar administrativo S. M. S., 22 anos, a moral na escola é “assumir um papel exemplar no que se refere às regras internas, ter objetividade no que se faz e mensurar a justiça diante dos acontecimentos.” Para o mesmo depoente, o ser moral na E.M.E.I. “Ana Pinheiro de Oliveira” tem que “ter respeito por todos os funcionários e ser respeitado”. Considerando o que J. N. S, 35 anos, professora do maternal II, escreveu, a moral dos profissionais atuantes na escola, os mesmos têm que “assumir um papel de profissional transformador da realidade e do meio” e que o ser moral é “ter respeito por todos”.

Ao contrário do que conceitua Aranha e Martins: “a moral é o conjunto das regras de conduta admitidas em determinada época ou por um grupo de homens. Nesse sentido, o homem moral é aquele que age bem ou mal na medida em que acata ou transgride as regras do grupo.”<sup>131</sup> Por sua, a ética ou filosofia da moral é mais abstrata, “é a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito das noções e princípios que fundamentam a vida moral.”<sup>132</sup>

Ainda que se fale de moral, para o professor A. C. S., 35 anos, um ser moral é aquele que busca na sua essencial ser ético e profissional. Para os alunos e alunas, o profissionalismo vem em segundo lugar, mas você pode ser profissional até mesmo em sua casa. Observa-se na fala do professor que um ser absorve a moral desde o “berço” no seu convívio familiar, portanto, a escola não é a única responsável por esses princípios morais. Já que a família influencia na moral do indivíduo, cabe aos agentes responsáveis resgatar esses pais para o convívio escolar, mostrando o valor que eles estão dando aos estudos dos filhos e filhas. A forma de trazer os pais para a E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” seria a adesão ao projeto “Escola de Portas Abertas”, proporcionando os meios para que ele possa se sentir acolhido.

---

<sup>131</sup> ARANHA; MARTINS, 1993, p. 218.

<sup>132</sup> ARANHA; MARTINS, 1993, p. 218.

Podemos ainda destacar que a gestão da escola, ou seja, aquela que tem como principal função direcionar os caminhos, lógico que, com o consentimento de todos, para um bom convívio entre os agentes em educação.

### 5.3.3 Percebendo a visão dos agentes de educação sobre as relações humanas *interpessoais* na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”

Para que exista a ética e a moral, precisa-se vivenciar uma boa relação interpessoal na E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”. O que explicita A. C. S., 35 anos, é o seguinte: “o que vemos hoje é professores e professoras trabalhando o individualismo, falta de diálogo e baixa produção”. Automaticamente, diagnostica-se que na escola ainda não há socialização: experiências profissionais, formações continuadas fornecidas pela gestão, reuniões periódicas para discussões de atuações de cada área educacional, planejamento anual ativo, projeto político-pedagógico atuante, não existindo autonomia para tomada de decisões que irão favorecer o processo ensino-aprendizagem dos agentes de educação. Por sua vez, o jardineiro B. S. C., 26 anos, enumera que as relações interpessoais são “importantes no desenvolvimento das atividades [da escola e ajudam as pessoas a ] ser [sic] mais parceiros”. O auxiliar administrativo S. M. S., 22 anos, relaciona a importância das relações interpessoais na escola, como “essencial, pois além da competência profissional, deve ser manter uma harmonia [no ambiente de trabalho] e as consequências da falta de relação interpessoal, “revela um clima desagradável, um ambiente tolerado, portanto, pouco envolvente, acolhedor e pouco produtivo”. Para J. N. S, 35 anos, professora do maternal II, as consequências que trazem a falta de relação interpessoal na escola “revela um clima ruim e um ambiente chato de se conviver”.

Para que haja um bom relacionamento entre os envolvidos no âmbito educacional, no que tange os agentes de educação, citaremos alguns instrumentos para solução de problemas, como formação continuada para os profissionais da área de educação, palestras sobre a temática de ética, etiqueta nas relações humanas, cursos de capacitação, etc. Essas soluções serão bem sucedidas, causando impacto favorável na vida de muitas pessoas. Portanto, quando se fala em solução

procuramos atingir todos os que fazem acontecer a educação, melhorando o relacionamento interpessoal.

Nas questões organizacionais, a técnica pedagógica, G. O. B, 26 anos, diz que os funcionários e funcionárias quando se reúnem, não discutem muito as formas para solucionar os problemas, mas, em algumas vezes, para criticar uns aos outros, não respeitando as ideias dos companheiros e, se privando, somente para fazer seu trabalho, mas que em alguns casos, os mesmos fazem “projetos e ações desenvolvidas a partir de decisões coletivas”. Esse detalhe, enumerado pela depoente é interessante, pois os profissionais da área de educação, em alguns momentos de seus trabalhos detectam pelo método do “*insight*” que têm que haver companheirismo, tolerância e apoio mútuo nas relações pessoais e nos trabalhos coletivos elencados pela escola. Dessa mesma forma, deduz, que nem tudo é harmonioso e coletivo dentro de um ambiente escolar.

Para que a união das ideias e as forças positivas entrem em questão no meio dos agentes da E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”, temos que usar alguns instrumentos simples que irão colaborar para a solução de alguns problemas, como cita Caroselli:

Reserve julgamento. Não critique;  
 Registre todas as sugestões;  
 Ouça cuidadosamente todas as ideias;  
 Tente trabalhar com aquilo que foi dito;  
 Não discuta até que todas as ideias tenham sido apresentadas.  
 Dê espaço para que as pessoas mudem ou retirem suas opiniões,  
 formulem-nas com outras palavras, acrescentem elementos a elas.<sup>133</sup>

#### 5.3.4 A *visão* dos agentes de educação sobre a etiqueta comportamental na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”

Para complementarmos e finalizarmos os aspectos de interação social entre os agentes de educação da E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”, citemos a etiqueta como fator da importância do autoconhecimento ou a “autoavaliação [sic] que irá identificar comportamentos e atitudes que precisam ser mudadas”.<sup>134</sup> A

<sup>133</sup> CAROSELLI, 2009, p. 21.

<sup>134</sup> GUIRAO, 2008, p. 35.

respeito disso, enfatizaremos a etiqueta comportamental como “o direcionamento das atitudes visando o bem comum”.<sup>135</sup>

Quanto ao questionamento sobre etiqueta feito pelo jardineiro B.S. C., 26 anos, o mesmo diz que a etiqueta “são [sic] regras [sic] de comportamento, onde as pessoas se comportam bem no ambiente de trabalho e sabem falar na hora certa”. Para G. O. B, 26 anos, técnica pedagógica, diz que é “um cumprimento aos colegas e também um elogio ao trabalho”. O auxiliar administrativo S. M. S., 22 anos, que a ética comportamental “são normas padronizadas para se viver em harmonia num ambiente de trabalho e que este deve ter uma ambiência condizente com nossa profissão”. Além disso, para esse mesmo depoente, a etiqueta ajuda “os profissionais se respeitam e dentro das possibilidades se ajudam, uma vez que a escola é um grande centro de aprendizagem que prepara seus alunos para serem pessoas qualificadas e exemplares [na sociedade]”.

Em conversa com alguns discentes a respeito do trabalho que estava realizando, alguns deles responderam verbalmente o que pra cada um era etiqueta.

A resposta que mais chamou atenção foi o do aluno J. R. S., de quatro anos, que menciona a etiqueta como “respeitar os outros e como de se vestir bem, pelo menos, foi o que a minha mãe me ensinou em casa e o que professora está me ensinando nas aulas”. O mesmo estudante continua em seu discurso que “por isso, eu procuro andar sempre com as minhas roupas limpas e o tênis bem ‘amarradinho’ e não encardido e ainda [que] eu tenho que tratar as pessoas com educação, não falar muito alto na sala de aula e pedi com licença e agradecer as pessoas quando elas me dão alguma coisa”.

Para enfatizar essas opiniões sobre etiqueta, citaremos alguns trechos da crônica de Farjallat<sup>136</sup> que a respeito de etiqueta fala:

houve tempo em que a etiqueta social e a forma de conduta das pessoas faziam parte do currículo escolar. Eram [,] principalmente [,] exigidas nos colégios internos e, claro, visavam à formação de meninas dóceis, delicadas, sabendo orações e francês, dança e piano, e comportamento exemplar.

---

<sup>135</sup> ARAÚJO, 2006, p. 1.

<sup>136</sup> FARJALLAT, Célia S. Etiqueta. *Correio Popular*, Campinas, v. 75, segunda-feira, 28 de janeiro de 2002. Caderno C, p. 3.

Hoje, as formas de etiqueta são menos rígidas e, quando seguidas, comprovam que a pessoa foi bem nascida e bem educada em casa ou na escola. Essas formas são mais simples e mais diretas.

Não muito diferente, temos que “ter em mente que no trabalho [,] o comportamento deve ser usado como aliado, para que as portas do sucesso se abram”,<sup>137</sup> mas que, esse comportamento pessoal não seja usado como instrumento para a obtenção de fracassos e decepções. E, sim como, perspectiva de avanço educacional e de melhoria nas atitudes profissionais que irão contribuir para o sucesso dos objetivos reais e funcionais dos agentes em educação da E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”.

Pela observação das respostas, destacamos que as relações entre os funcionários e as funcionárias não norteiam um rumo positivo, pois verificamos que a parceria é quase que inexistente na escola. Por isso, pode-se dizer que a postura do profissional é parceria da boa educação: quando ouvimos a orientação de respeitá-los demais, o fato de saber-se comportar entre os demais funcionários ou até mesmo em público, honrar compromissos e prezar pela organização. Tudo isso será impregnado e ficará inerente ao longo de nossa vida.

O objetivo é lembrar aos agentes de educação da E.M.E.I. “Professora Ana Pinheiro de Oliveira” que, como em qualquer ambiente, existem regras a serem cumpridas, metas e uma política interna da qual, todos fazem parte. Sua adaptação é mais do que esperada. Afinal, todos os agentes foram contratados para desenvolver um trabalho com seriedade e comprometimento, para só assim, termos uma educação de qualidade e uma formação pessoal e profissional considerável.

---

<sup>137</sup> WAMSER, Eliane. *Comportamento profissional*. Blumenau: Instituto Bem Viver, 2010. p. 20.

## 6. CONCLUSÃO

Há muitas perspectivas para se estudar o tema da ética, da etiqueta e das relações humanas. Neste trabalho, fizemos um convite para uma reflexão do que são os três temas citados no mesmo, para que possamos estudar as inúmeras obras que existem, tendo em mente o que é à base de tudo — a “morada” do ser, que neste caso, é o próprio ser humano.

A escola, em suma, é considerada como um espaço multicultural, no qual as diferenças, os problemas, as diversidades de conhecimento, as regras e valores fazem um emaranhado envolvendo uma gama de pessoas cujas características são diferenciadas, e as relações interpessoais são imprescindíveis para a convivência e o sucesso escolar.

O cotidiano dos profissionais de educação é, então, feito de escolhas problemáticas, de alternativas que muitas vezes não se harmonizam e que envolvem forças que se opõem, de dilemas que originam diversas tensões, assim como situações de ambivalência e de conflito, os quais se apresentam como desafios ao desenvolvimento curricular, ao desenvolvimento pessoal e profissional, assim como, à própria formação de professores e educadores.<sup>138</sup>

No que tange a abordagem do tema escolhido, mais do que assimilarmos as ideias dos autores, é a postura crítico-reflexiva junto ao processo educativo: o principal foco desse estudo.

É de suma importância dar relevância aos dados expostos da pesquisa realizada, pois elas estão voltadas para um ambiente escolar mais harmonioso e que transpareça progresso diante dos objetivos anuais elaborados pela escola e por aqueles que estão presentes no projeto político-pedagógico, pois a junção dessas abordagens pode acarretar uma solução simples, criativa, reflexiva e transformadora acerca do que vivemos em nosso convívio social no trabalho com a educação, por meio da construção de vínculos de harmonia, interação, cooperação e união com todos.

Essa construção de vínculos ocorre desde o pessoal que cuida da alimentação, da limpeza da escola até os profissionais de ensino e equipe técnica, no qual trabalham com o intuito de dá uma satisfação, pelo fato de estar em meio a um contexto socioeducativo prazeroso até a vontade de fazer valer o trabalho.

---

<sup>138</sup> HAMIDO; UVA, 2012, p. 3.

Dessa forma, mostrando que o dever foi cumprido com sucesso e, principalmente, ouvir o reconhecimento dos que rodeiam esta comunidade chamada escola.

Portanto, esse trabalho vem contribuir bastante no sucesso do ambiente escolar para que possamos ter um novo olhar de como os problemas decorrentes da decadência da ética, da etiqueta e das relações humanas que presenciamos não sejam e não possam ser resolvidos apenas a partir de tentativas isoladas de educação moral do indivíduo. É preciso, também, vontade política de alterar as condições sociais que desfavorecem o desenvolvimento das relações humanas, para tornar possível a superação da pobreza moral.

Um projeto humanizado de “reforma do indivíduo” e de “reforma da sociedade” deve caminhar junto, pois só é possível essa união para plenitude moral, se tivermos uma sociedade justa com direitos e deveres iguais a ser cumpridos com respeito a todos.

Como afirmam Rocha e Carrara<sup>139</sup> “os professores constituem importantes modelos e funcionam como ambiente social relevante para a emissão de comportamentos de seus alunos”.

---

<sup>139</sup> ROCHA, Juliana F.; CARRARA, Kester. Formação ética para a cidadania: reorganizando contingências na interação professor–aluno. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 15, n. 2, p. 221, 2011.



## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria G. *Violências nas escolas*. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura Brasil, Rede Pitágoras, Coordenação DST/Aids do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime, 2002. 400 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

ALIHAN, Milla. *Manual do executivo jovem: comportamento para o sucesso*. São Paulo: Brasiliense, 1971. 191 p.

ARANHA, Maria L. A.; MARTINS, Maria H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993. 439 p.

ARAÚJO, Maria A. A. *Etiqueta empresarial: ser bem educado é...* Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006. 208 p.

ARISTÓTELES. *Política*. (Edição bilingue grego-português). Tradução de AMARAL, Antônio C.; GOMES, Carlos C. Lisboa: Veja, 1998. [πολιτικά. In: ARISTOTELIS. Opera edidit Academia Regia Borusica. Edição crítica de BEKKER, August I. Berolini: apud Georgium Reimerum, 1831–1870; rev. e reimpr. GIGON, Olof. *Aristotelis Opera, ex recensione Immanuelis Bekkerii edidit Academia Regia Borussica; accedunt Fragmenta, Scholia, Index Aristotelicus*. Berlin; New York: W. de Gruyteret Socios, 1960–1961].

BAPTISTA, Isabel M. C. *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições, 2005. 155 p.

BARROCO, Maria L. S. *Ética: fundamentos sócio-históricos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 245 p. (Cortez. Coleção Biblioteca Básica para o Serviço social, v. 4).

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França (pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977)*. 11. ed. Tradução e posfácio: PERRONE-MOISÉS, Leyla. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2004. 89 p.  
BOFF, Leonardo. *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009. 175 p.

BOTO, Carlota. *A ética de Aristóteles e a educação*. São Paulo: Mandruvá  
Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur16/carlota.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil – Imprensa Nacional*, Brasília, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833–27841.

\_\_\_\_\_. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. *Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil – Imprensa Nacional*, Brasília, 5 abr. 2013. Seção 1, p. 1–2.

CAETANO, Ana P.; SILVA, Maria L. Ética profissional e formação de professores. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, Lisboa, v. 4, n. 8, p. 49–60, 2009.

CAMARGO, Edson C.; FONSECA, Jorge A. L. *A ética no ambiente escolar: educando para o diálogo*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017. 5 p. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/021e4.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

CAROSELLI, Marlene. *Relações pessoais no trabalho*. Tradução de LEAL, Martha M. São Paulo: Cengage Learning, 2009. 144 p. (Cengage Learning. Coleção Série Profissional).

CHALITA, Gabriel B. I. *Os dez mandamentos da ética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 232 p.

CHAUI, Marilena. A filosofia moral. In: \_\_\_\_\_. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CUNHA, Maria I. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. In: VEIGA, Ilma P. A.; CUNHA, Maria I. (Orgs.). *Desmistificando a profissionalização do magistério*. Campinas: Papyrus, 1999.

DAVIS, Keith; NEWSTROM, John W. *Comportamento humano no trabalho: uma abordagem organizacional*. São Paulo: Pioneira, 1996. 198 p.

DEWEY, John. *Vida e educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1978. 113 p.

DUARTE, Margarida. Formação ética de docentes e prática pedagógica. COLÓQUIO AFIRSE (ASSOCIAÇÃO FRANCOFONE INTERNACIONAL DE PESQUISA CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO) – SECÇÃO PORTUGUESA, 17. Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação – Secção Portuguesa, 2009. 12 p. Disponível em: <[http://www.afirse.com/archives/cd2/Ateli%C3%AAs/6a%20feira\\_14h30/Ateli%C3%AAs%209/Margarida%20Duarte.pdf](http://www.afirse.com/archives/cd2/Ateli%C3%AAs/6a%20feira_14h30/Ateli%C3%AAs%209/Margarida%20Duarte.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2017.

DUSSEL, Enrique D. *Para uma ética da libertação latino-americana: I* – Acesso ao ponto de partida da ética. Tradução de GAIO, Luiz J. São Paulo: Loyola; Piracicaba: Unimep, 1982. 190 p. (Loyola; Unimep. Coleção Reflexão Latino-americana, 2, I).

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Profissão professor*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995, p.93–124. (Porto Editora. Coleção Ciência da Educação, v. 3).

FARJALLAT, Célia S. Etiqueta. *Correio Popular*, Campinas, v. 75, segunda-feira, 28 de janeiro de 2002. Caderno C.

FRESCHI, Elisandra M.; FRESCHI, Márcio. Relações interpessoais: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar. *REI: Revista de Educação do Ideau*, Getúlio Vargas, v. 8, n. 18, 2013.

FRITZEN, Silvino J. *Relações humanas interpessoais: nas convivências grupais e comunitárias*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 152 p.

GARCIA, Eliana M.; CARMO, Ligiana C.; FERRAZ, Kátia M. A. *Normas para elaboração de dissertações e teses*. 3. ed. Piracicaba: Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”/Universidade de São Paulo, 2005. 99 p.

GOMES, Divino. Prefácio. In: MIRANDA, Simão. *Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários*. 13. ed. Campinas: Papirus, v. 1, 2005. 63 p.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GUIRAO, Maria E. F. *A etiqueta que faz a diferença nas empresas*. São Paulo: Novatec, 2008. 208 p.

HANSEN, David T.; CAVALLARI FILHO, Roberto. O conhecimento moral como um objetivo para a educação: John Dewey. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2007.

HAMIDO, Gracinda.; UVA, Marta. Ética em educação: sentidos, razões e consequências. *Interações*, Lisboa, v. 8, n. 21, 2012.

HERÁCLITO. *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de textos e supervisão de SOUZA, José C. São Paulo: Nova Cultural, 1973. (Nova Cultural. Coleção Os Pensadores, v. 1).

JOHANN, Jorge R. *Educação e ética: em busca de uma aproximação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. 130 p.

LÓPEZ-ARANGUREN, José L. *Ética*. Barcelona: Altaya, 1998. 348 p. (Altaya. Coleção Grandes Obras del Pensamiento).

LÜCK, Heloísa.; FREITAS, Katia S.; GIRLING, Robert.; KEITH, Sherry. *A escola participativa: o trabalho do gestor escolar*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 159 p.

MACHADO, Nilson J. *Competência e profissionalismo: o lugar da ética*. Salvador: Secretaria Municipal da Educação, 2017. 9 p. Disponível em: <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-etica/WEBARTIGOS/competencia%20e%20profissionalismo%20-%20o%20lugar%20da%20etica.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

MACHADO, Nilson J. *Conhecimento e valor*. São Paulo: Moderna, 2004. 166 p.

MÁRKUS, György. *Marxismo y "antropología"*. Barcelona: Grijalbo, 1973. 86 p. (Grijalbo. Colección Hipótesis, n. 5).

MARTINELLI, Selma C.; SCHIAVONI, Andreza. Percepção do aluno sobre sua interação com o professor e status sociométrico. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 327–336, 2009.

MARTINS, Marcos A. P. *Gestão Educacional: planejamento estratégico e marketing*. Rio de Janeiro: Brasport Livros e Multimídia, 2007. 172 p.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 24. ed. Tradução de SANT'ANNA, Reginaldo. Livro I (o processo de produção do capital), v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 571 p.

MASETTO, Marcos T. Necessidade e atualidade do debate sobre competência pedagógica e docência universitária. In: \_\_\_\_\_. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

MOSCOVICI, Felá. *Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. 276 p.

MOSQUERA, Juan J. M.; STOBÄUS, Claus D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade na educação especial. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Educação especial: rumo à educação inclusiva*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. 3. ed. Tradução, notas e posfácio de SOUZA, Paulo C. L. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. 176 p.

OLIVEIRA, Renato J. Reflexões sobre a ética na educação escolar. *Educação*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 105–116, 2014.

PALMEIRA, Roberto. *Etiqueta empresarial e marketing pessoal*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014. 192 p.

PERELMAN, Chaïm. *Ética e direito*. Tradução de: PEREIRA, Maria E. G. G. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 722 p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivanhinha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 190 p.

PRIMAVERA. Secretária Municipal de Educação. *Proposta pedagógica “Cuidar, educar e o brincar: revelando concepções e o fazer pedagógico no cotidiano da educação infantil”*. Primavera: Prefeitura Municipal de Primavera, 2016. 58 p.

\_\_\_\_\_. Secretária Municipal de Educação. *Projeto político-pedagógico da Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Ana Pinheiro de Oliveira”*. Primavera: Prefeitura Municipal de Primavera, 2015. 96 p.

RENGEL, Patrícia.; GUAZZELLI, Carolina T. *Reflexões sobre a ética na educação*. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2016. 9 p. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Patricia-Rengel.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

RIBEIRO, Renato J. Mais 10 mandamentos: otimistas e depressivos têm a mesma visão equivocada da ética. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, v. 72, n. 23.328, domingo, 14 de fevereiro de 1993. Caderno Mais! p. 3.

ROCHA, Juliana F.; CARRARA, Kester. Formação ética para a cidadania: reorganizando contingências na interação professor–aluno. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 15, n. 2, 2011.

ROCHA, Narcisa F. L. *O agir ético segundo Aristóteles*. 2009. 97 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

SÁNCHEZ-VÁZQUEZ, Adolfo. *Ética*. 34. ed. Tradução de DELL'ANNA, João. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 302 p.

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000. 256 p.

SCHÖN, Donald A. *Educating the reflective practitioner: towards a new design for teaching and learning in the professions*. San Francisco: Jossey-Bass, 1987. 355 p. (Jossey-Bass.Jossey-Bass Higher Education Series).

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote/IIIE, 1992. p. 77–92.

SCHÖN, Donald A. *The reflective practitioner: how professionals think in action*. New York: Basic Books, 1983. 374 p.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. 2. ed. Tradução de CACCIOLA, Maria L. M. O. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 226 p. (Martins Fontes. Coleção Clássicos da Filosofia).

SCHUTZ, Will C. *Firo: a three dimensional theory of interpersonal behavior*. New York: Holt, Rinehartand Winston, 1958. 267 p.

SEVERINO, Antonio J. Formação e atuação dos professores: dos seus fundamentos éticos. In: SEVERINO, Francisca E. S (Org.). *Ética e formação de professores: política, responsabilidade e autoridade em questão*. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Carliane L.; PAULA, Érika F. T.; OLIVEIRA, Maria L. L. *A imprescindível ação das relações interpessoais no âmbito escolar*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer de Mato Grosso, 2015. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/A-imprescind%C3%ADvel-a%C3%A7%C3%A3o-das-rela%C3%A7%C3%B5es-interpessoais-no-%C3%A2mbito-escolar.aspx>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

SROUR, Robert H. A ética nas organizações. In: \_\_\_\_\_. *Poder, cultura e ética nas organizações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

STRECK, Gisela I. W.; LAUX, Nubia M. Manual de normas para trabalhos científicos baseado nas normas da ABNT. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009. 58 p.

TADÊUS, Patrícia A.; CUNHA, Nilda A. F. Ética na educação. *Revista Triângulo: Ensino, Pesquisa e Extensão*, Uberaba, v. 2. n.2, 2009.

VAZ, Henrique C. L. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994. 295 p. (Loyola. Coleção Filosofia, 8).

WAMSER, Eliane. *Comportamento profissional*. Blumenau: Instituto Bem Viver, 2010. 28 p.

WEIL, Pierre. *Manual elementar de psicologia aplicada*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. 267 p.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *Relações humanas na família e no trabalho*. 54. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 246 p.





## APÊNDICE

### ESCOLA SUPERIOR EM TEOLOGIA – EST MESTRADO PROFISSIONAL

#### Questionário da Pesquisa de Campo

Entrevistado: \_\_\_\_\_

Função: \_\_\_\_\_

Escola de trabalho: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

#### Questões:

- ✓ De que forma você contribui com sua ação dentro da Escola?
- ✓ Como você vê a questão da moral na atuação dos profissionais da escola?
- ✓ Para você, o que é ética? Dê exemplos.
- ✓ Como a ética influencia no seu cotidiano juntamente com os funcionários da Escola “Ana Pinheiro de Oliveira”?
- ✓ O que é um ser moral na Escola “Ana Pinheiro de Oliveira”?
- ✓ Qual a importância das relações interpessoais na Escola “Ana Pinheiro de Oliveira”?
- ✓ Quais as consequências que trazem a falta de relação interpessoal na Escola “Ana Pinheiro de Oliveira”?

- ✓ Você se sente só na sua atuação? De que forma?
  
- ✓ Existe comunicação entre os funcionários para socialização no desenvolvimento da Escola “Ana Pinheiro de Oliveira”? Por quê?
  
- ✓ Qual o seu entendimento quanto à etiqueta comportamental?
  
- ✓ Cite algumas regras de etiqueta que você percebe na Escola “Ana Pinheiro de Oliveira”. Caso não exista, cite as que deveriam ser resgatadas.
  
- ✓ Na Escola “Ana Pinheiro de Oliveira” você percebe que existem valores humanos. Por quê?